

CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXII | 336 | Agosto 2023



Em prol do setor lácteo

Com apoio do Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais, cadeia produtiva leiteira busca vencer desafios para evitar prejuízos no campo e manter a competitividade do setor



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

Feita para encarar o trabalho no agro com facilidade! **A Nissan Frontier** oferece conforto, segurança e durabilidade para superar qualquer desafio



FALE CONOSCO



No Trânsito, escolha a vida.

NISSAN
INTELLIGENT
MOBILITY

Para superar gargalos

A edição deste mês da Revista Campo joga luz sobre dois relevantes temas muito importantes para a agropecuária brasileira. O primeiro deles é sobre o setor lácteo brasileiro e goiano, que vive um momento delicado com alta concorrência de importações vindas da Argentina e do Uruguai. Aproveitamos a realização do Interleite, no começo do mês de agosto, um dos maiores e mais importantes eventos que debate o setor da bovinocultura de leite e do segmento como um todo para trazer uma reportagem especial sobre como o setor tem se comportado diante dos desafios e também como o perfil da produção leiteira está mudando com o passar do tempo.

O Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais está atento a isso e trabalhando em diferentes linhas pela melhoria das condições de produção dos nossos bovinocultores, seja no campo político e institucional, com ações articuladas junto à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), seja por meio da oferta de cursos, capacitações e da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), ofertados pelo Senar Goiás. Trabalhamos pela competitividade dos nossos produtores, de todo o Estado.

Outra importante matéria que tem destaque na Campo deste mês fala sobre o déficit de armazenagem para a safra de grãos, que ficou acentuado neste ciclo 2022/23, com a produção recorde de grãos, sobretudo da soja e do milho. A matéria ouve especialistas e faz um panorama dos impactos desse problema para a nossa produção, ao mesmo tempo em que eviden-

cia que os nossos produtores estão querendo investir em armazéns, mas que precisam de políticas públicas que melhorem a oferta de recursos e tragam linhas de crédito acessíveis e competitivas ao nosso produtor.

Essa questão também é acompanhada pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag que tem cuidado em participar do debate e buscar apoiar o produtor no direcionamento de ações e na tomada de decisões.

Além disso, você acompanha uma matéria sobre nosso novo curso online de cultivo de uvas. Aproveito inclusive para comentar que estivemos, recentemente, levando uma comitiva de produtores e lideranças do agro para conhecer o Vale do São Francisco, em Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco. Foram dias de muito aprendizado e que mostram o quanto o desenvolvimento da fruticultura pode transformar um lugar, gerando emprego, renda, transformando a paisagem e mudando vidas.

Nesta edição, você ainda tem notícias das ações do Sistema e do nosso importante mundo agro. Boa leitura!



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Eduardo Veras de Araújo, Dirceu Borges e Arthur Toledo.

Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Renan Rigo e Revana Oliveira.

Fotografia: Fredox Carvalho.

Diagramação: Isabelle Barbosa.

Foto da capa: AdobeStock.

Fotos do Painel Central: Divulgação, Fredox Carvalho, Lucas Ninno e Wenderson Araujo.

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 / comunicacao@faeg.org.br.

DIRETORIA FAEG

Presidente: José Mário Schreiner.

Vice-presidentes: Eduardo Veras de Araújo e Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e José Vitor Caixeta Ramos.

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva.

Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antonio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente: José Mário Schreiner.

Suplente: Geovando Vieira Pereira.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: Daniel Klüppel Carrara, Elias D'Angelo Borges, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Marcus Vinicius Rodrigues Souza Lino, Wildson Cabral Santos e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Sebastiana de Oliveira Batista, Tiago Freitas de Mendonça, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, José Ricardo Caixeta Ramos, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

FAEG - SENAR

Rua 87 n° 708, Setor Sul CEP: 74.093-300
Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3096-2200 Fax: (62) 3096-2222
E-mail: faeg@faeg.com.br

Fone: (62) 3412-2700 e Fax: (62) 3412-2702
E-mail: senar@senargo.org.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Accesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual

62 3096 2200

Painel Central



Infraestrutura

Com recorde na produção de grãos, setor agrícola fica alerta para a necessidade de aumentar a capacidade de armazenagem no País

23



Capacitação

Senar Goiás proporciona orientações sobre o cultivo de uvas no Estado por meio de EaD na área de produção da fruta

28



Caso de Sucesso

Por meio de curso on-line do Senar Goiás, Sr. José Luiz aprendeu a tocar viola e realizou sonho de quando era criança

16



Prosa Rural

CEO da Agroconsult e engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal de Viçosa, André Pessôa

12

06 **Porteira Aberta**

08 **Sistema em Ação**

10 **Ação Sindical**

11 **Opinião**

30 **Tecnologia**

31 **Informes
Batalhão Rural**

33 **Mitos e Verdades**

34 **InfoSenar**

37 **Receitas
do Campo**

38 **Dica de Vó**



32 **Senar Responde**
Supervisora de Fruticultura do Senar Goiás responde dúvida de leitora sobre pragas em bananeira

Capa



A produção de leite cresceu nas últimas três décadas, saltando de 14,4 bilhões de litros para 35,3 bilhões de litros de leite ao ano, segundo dados do IBGE. Esses números poderiam ser motivo de comemoração, caso o setor não passasse por tantos desafios como tem vivido nos últimos tempos. São desde aumento nos custos com insumos, imprevisibilidade de preço pago ao produtor e até concorrência desleal por causa de importação de leite e derivados. Mas entidades representativas do segmento, como o Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais, têm atuado para buscar soluções que possam evitar prejuízos ao produtor e ao mesmo tempo tornar a cadeia produtiva leiteira goiana mais competitiva no mercado.

18

Emprego

Goiás foi o Estado do Centro-Oeste que mais criou postos formais de trabalho no campo nos primeiros seis meses do ano. Com 50.945 admissões e 41.090 desligamentos, o agro goiano registrou saldo positivo de 9.855 vagas no período. Em segundo lugar ficou o Mato Grosso, com 8.347 vagas; e em terceiro, o Mato Grosso do Sul, com 5.352 vagas. Os números foram divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, por meio da plataforma do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged). O resultado obtido pelo agronegócio goiano foi bastante influenciado pelo desempenho das lavouras temporárias, que responderam pela criação de 7.443 empregos com carteira assinada. O segmento de “cultivo de cana-de-açúcar” foi um dos destaques, com 2.827 vagas criadas.



Wenderson Araújo/Trilux

Maracujá



Embrapa

Cientistas da Embrapa Mandioca e Fruticultura (BA) desenvolveram dois métodos inovadores para potencializar a caracterização de recursos genéticos de maracujá. Um deles utiliza modelos matemáticos

para prever a quantidade de polpa da fruta, e o outro se baseia em ferramentas computacionais, como softwares e aplicativos, para definir a cor de vários caracteres da planta, como casca e polpa. A etapa de caracterização é fundamental para aprimorar os programas de melhoramento genético e torná-los cada vez mais próximos das demandas do setor produtivo e da sociedade. No caso do maracujá, ambos os métodos envolvem características de interesse do mercado e dos consumidores, como a polpa, que é fundamental para a fabricação de suco, e a cor da fruta, que, além de representar a quantidade de vitaminas e outras substâncias de importância para a saúde humana, é também um diferencial buscado nas gôndolas dos supermercados. A equipe trabalha agora na elaboração de um protótipo que vai acelerar o processo de caracterização.

Comissões

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) criou recentemente duas novas Comissões Nacionais, das Mulheres do Agro e de Novas Lideranças, para reforçar a atuação na defesa dos interesses nacionais. Com isso, a CNA passa a contar com 19 Comissões Nacionais. Os colegiados são vinculados à Diretoria Técnica da CNA e, além dos presidentes e vice-presidentes, são compostas por produtores rurais, representantes das Federações de Agricultura e Pecuária dos Estados, entidades civis e assessores técnicos. Esses colegiados são responsáveis por reunir as demandas dos produtores rurais, atuando junto aos Poderes Executivo, Legislativo, Judiciário, além de representar os interesses dos agricultores e pecuaristas em fóruns, audiências e congressos no Brasil e no exterior.

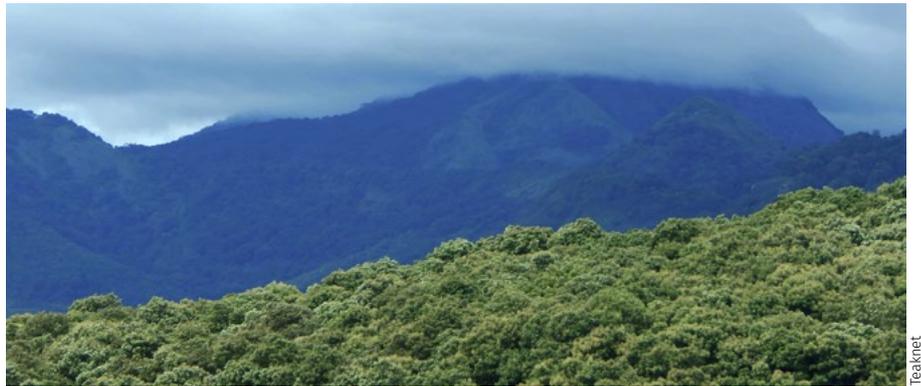


CNA

Teka



A Teaknet, rede internacional de informações sobre teka (*Tectona grandis*), está realizando um levantamento mundial sobre a importância e o mercado da teka com o objetivo de analisar as relações comerciais multilaterais entre países exportadores e importadores. Produtores dos cerca de 80 países que comercializam a madeira desta espécie estão participando do estudo, que é apoiado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e pela International Union of Forest Research Organizations (IUFRO), por meio de seu Programa Especial para o Desenvolvimento de Capacidades (IUFRO_SPDC). No Brasil, a coordenação está sob responsabilidade da Embrapa Florestas, que está fazendo contato com os produtores e empresas para partici-



Teaknet

parem do estudo. As informações sobre recursos e mercados de teka serão publicadas em nível nacional e global em 2024 pela IUFRO, em uma de suas séries de publicações e disponibilizadas de forma gratuita a todos os interessados. Espera-se que esses resultados e descobertas facilitem uma melhor avaliação da importância dos recursos e do comércio internacional de teka, fornecendo aos for-

muladores de políticas e decisões, investidores e gerentes, uma melhor compreensão do importante papel que a teka está desempenhando hoje no fornecimento de produtos de madeira para as economias nacionais de muitos países. Empresas e produtores brasileiros de teka interessados em contribuir com o estudo, podem entrar em contato pelo email: cristiane.reis@embrapa.br.

Abelhas

Iniciativa inédita para conservação dos polinizadores no Brasil, o Programa Observatório Brasileiro de Abelhas foi lançado, no dia 12 de julho, em um workshop voltado para técnicos de defesa agropecuária do País. O projeto, que tem coordenação conjunta da Embrapa Meio Ambiente e do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), foi criado em resposta a demandas de diversos setores da sociedade. Seu objetivo é conduzir e apoiar ações voltadas para a redução da mortalidade de abelhas no Brasil, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas para 2030. A iniciativa está sendo construída com parcerias governamentais e com a iniciativa privada, e opera em colaboração com agências estaduais de defesa agropecuária, visando superar a falta de dados padronizados e confiáveis sobre incidentes relacionados a abelhas. O Observatório está desenvolvendo um sistema de informações para registrar sistematicamente esses incidentes, identificar possí-



Divulgação

veis causas de morte e reunir dados consistentes em uma plataforma nacional oficial. A sistematização e consolidação dessas informações permitirão análises técnicas e cien-

tíficas dos possíveis fatores causais, capacitando as autoridades públicas e outros setores da sociedade a adotarem medidas para minimizar a perda de polinizadores.

Vale do São Francisco

O Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais realizou, no mês de julho, em parceria com o Sebrae Goiás, uma missão técnica de Fruticultura, levando 80 pessoas, incluindo produtores rurais goianos, ao Vale do São Francisco, em Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco. O objetivo foi promover uma imersão sobre a produção nessa importante região do Brasil, visitando produtores locais – pequenos e grandes –, empresas e estruturas que integram o sistema de produção. A comitiva também pode conhecer o Centro de Excelência em Fruticultura do Senar Bahia. A região é um grande polo de produção de frutas, com mercado nacional e internacional garantido.



Fredox Carvalho

Para registro



Fredox Carvalho

“O sentimento que resume é o de gratidão! Obrigado aos que toparam o desafio e a todos que nos receberam com muito carinho. Saibam que seguiremos motivados a continuar trabalhando e lutando para que os produtores rurais continuem focados e inspirados a cultivar alimentos de qualidade, com melhores condições de produção renda, do campo à cidade!”

José Mário Schreiner, presidente da Faeg.



Fredox Carvalho

“Foram dias de muito aprendizado, compartilhamento de conhecimento e experiências incríveis. O Velho Chico, como é chamado carinhosamente pela população local, trouxe desenvolvimento e transformação para aquela região. Agradeço ao Sistema Faeg/Senar Bahia pela receptividade.”

Dirceu Borges, superintendente do Senar Goiás.

Economia

O vice-presidente administrativo da Faeg, Armando Rollemberg, participou da posse da nova secretária de Economia, Silene Peres, e do novo procurador geral do Estado, Rafael Arruda. O evento foi realizado no dia 13 de julho, no auditório Mauro Borges, no Palácio Pedro Ludovico Teixeira. Após a cerimônia, a Faeg participou de reunião do Fórum Empresarial com o governador Ronaldo Caiado, no Palácio das Esmeraldas, discutindo assuntos relacionados à Reforma Tributária.



Divulgação

Vice-Presidente



A Faeg apresentou ao vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, durante visita a Goiás, em julho, algumas demandas solicitadas pelo setor rural. Entre elas estavam a redução da dependência internacional de fertilizantes; conclusão de acordos comerciais, ampliando o mercado consumidor dos produtos do agro brasileiro, sobretudo com a União Europeia; duplicação da BR-452 entre Itumbiara e Rio Verde e da BR-364, entre Jataí e Rondonópolis; ampliação da distribuição de energia elétrica em Goiás; aumento do montante de recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) para o setor rural; maior celeridade na liberação dos recursos do Plano Safra 23/24 para os produtores rurais e ações para elevar a capacidade de armazenamento de grãos em Goiás, ampliando o financiamento de unidade armazenadoras.

Aprendizagem

No dia 17 de julho, 87 jovens ingressaram no Curso de Aprendizagem em Assistente Administrativo junto à empresa Wehrmann, situada no município de Cristalina. Os jovens foram recebidos pelo Sr. Verni Wehrmann, sócio e proprietário do grupo, juntamente com a equipe do Senar Goiás e instrutores. Eles terão uma rotina de aulas teóricas ministradas pelos instrutores do Senar e aulas práticas rotacionadas dentro da empresa sob a supervisão de um profissional responsável.



Espaço Jovem

Grupos Faeg Jovem cadastram produtores para receber Assistência Técnica e Gerencial do Senar Goiás

Os grupos Faeg Jovem estão cadastrando produtores rurais para receber Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás. Em parceria com o Sindicato Rural, o grupo define qual cadeia necessita de assistência técnica e vai em busca dos produtores. O cadastramento está sendo realizado diretamente pelo aplicativo InfoSindical e atende produtores de oito cadeias diferentes. Essa ação é um desafio proposto e faz parte do escopo da Etapa Regional do Concurso do Programa Empreendedor Jovem (Faeg Jovem) de 2023, com tema “Plantar hoje, colher amanhã e empreender sempre”.



Castelândia



Itumbiara



Goianésia



Jussara

Ação Sindical

Itapuranga Campo em Ordem



Divulgação

O Senar Goiás e o Sindicato Rural de Itapuranga realizaram em julho palestra sobre Empreendedorismo e Reciclagem para alunos da Escola Municipal Serra Dourada. O evento fez parte do programa Campo em Ordem, voltado para nortear em forma de palestras e exposições verbais, produtores e trabalhadores, nas mais diferentes frentes que tangem ao agronegócio. A escola também participa do programa Agrinho 2023.

São Miguel do Passa Quatro Receitas do Campo



Divulgação

No dia 2 de agosto, a Associação de Produtores de São Miguel do Passa Quatro e o Senar Goiás realizaram o 19º Festival de Receitas do Campo. Participaram mais de 200 convidados. Foram apresentadas 26 receitas entre lanche da fazenda, almoço da fazenda e sobremesa rural. Entre as vencedoras estavam receitas de lasanha, canjica e pamonha.

Itaçu 7ª Festa do Produtor Rural



Divulgação

Nos dias 29 e 30 de julho, o Sindicato Rural de Itaçu realizou a 7ª Festa do Produtor Rural do município. Durante o evento, ocorreu edição do programa Campo Saúde, com quase 1.000 atendimentos de saúde e cidadania. Também foram realizadas palestras técnicas para os produtores rurais, abordando temas importantes como bioinsumos e sucessão familiar na empresa rural. Para celebrar o Dia do Produtor Rural, foram promovidos dois shows, cavalgada e almoço.

Cristalina Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas



Divulgação

De 3 a 5 de agosto, o Sindicato Rural de Cristalina e o Senar Goiás realizaram, na Fazenda do Grupo G8, o treinamento de Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas. Foram abordados temas como legislação de segurança e saúde no trabalho, trânsito, sinalização de segurança e medidas de controle de riscos, princípios de segurança na utilização da máquina, emergência e noções sobre prestação de primeiros socorros, entre outros.

Gouvelândia Visita técnica



Divulgação

De 7 a 9 de agosto, participantes do treinamento de Alimentação de Bovinos de Leite realizaram visita técnica na Usina SJC, em Gouvelândia. O objetivo foi conhecer os processos de fabricação de subprodutos da indústria do etanol de milho para alimentação de vacas leiteiras. O treinamento foi realizado pelo Sindicato Rural de Gouvelândia.

São Luís de Montes Belos Reunião do SEI



Divulgação

O Sindicato Rural de São Luís de Montes Belos e o Sistema Faeg/Senar/Iffag/Sindicatos Rurais realizaram reunião para abordar o programa SEI – Sindicato Empreendedor Inovador. O foco é fortalecer as ações do Sindicato no município.

Benefícios da palhada de braquiária no cultivo de soja



Leonardo Furquim
é Diretor Técnico
do Senar Goiás

A utilização da palhada de braquiária (*Brachiaria* spp.) no cultivo de soja tem se mostrado uma prática altamente vantajosa para os produtores rurais. A palhada proporciona diversos benefícios relacionados à estrutura física do solo, atuando como uma cobertura protetora que reduz a erosão e evita a compactação, resultando em solos mais permeáveis e aerados. Essa melhoria na estrutura do solo também favorece o enraizamento das plantas de soja, possibilitando um melhor acesso aos nutrientes e água presentes no solo.

Outro aspecto importante é a ciclagem de nutrientes que a palhada de braquiária proporciona. Durante seu crescimento, a braquiária absorve nutrientes do solo, que são posteriormente depositados em suas folhas e caules. Com a decomposição da palhada, esses nutrientes são liberados, tornando-se disponíveis para a cultura subsequente da soja. Esse processo de reciclagem de nutrientes resulta em uma redução da necessidade de adubação química, reduzindo custos de produção e diminuindo a lixiviação de nutrientes no solo. Resultados de Salton e colaboradores da Embrapa Agropecuária Oeste, após cinco anos de cultivo, demonstraram maiores produtividades na escala de quase 50% a mais em área de soja pós-pastagem (Sistema São Mateus) do que em soja de Plantio Direto e de 100% mais produtividade que área de cultivo convencional.

O efeito da pastagem no cultivo de soja é diferente para cada classificação do solo. Em solos de textura mais arenosa, a palhada de braquiária pode desempenhar um papel crucial na melhoria da capacidade de retenção de água, reduzindo a evaporação e proporcionando uma maior disponibilidade hídrica para as plantas de soja durante períodos secos. Além disso, a palhada contribui para a adição de matéria orgânica, aumentando a capacidade de troca de cátions e melhorando a fertilidade do solo. Por outro lado, em solos de textura mais argilosa, que geralmente possuem boa capacidade de retenção de água, a palhada de braquiária pode ter um efeito menos evidente na disponibilidade hídrica. No entanto, ela ainda é valiosa nesses solos, pois ajuda a melhorar a estrutura física do solo, aumentando a porosidade e a taxa de infiltração de água, reduzindo o risco de

encharcamento e melhorando a aeração do solo.

Além disso, a presença da palhada de braquiária influencia positivamente a microbiologia do solo. A matéria orgânica em decomposição fornece um substrato rico para a atividade microbiana, aumentando a diversidade e a quantidade de microrganismos benéficos ao solo. Isso resulta em uma maior disponibilidade de nutrientes para a soja, já que os microrganismos desempenham um papel fundamental na mineralização e ciclagem de compostos orgânicos em formas assimiláveis pelas plantas.

O manejo de plantas daninhas também é favorecido pela palhada de braquiária. Ao formar uma cobertura densa sobre o solo, a palhada inibe a germinação e o crescimento de plantas invasoras, reduzindo a concorrência com a cultura de soja. Com menos plantas daninhas competindo por recursos, a cultura de soja pode expressar todo o seu potencial produtivo. Resultados de propriedades em Chapadão do Céu (GO) evidenciaram redução de 73% no consumo de defensivos agrícolas no cultivo de soja pós-pastagem.

Estudos têm demonstrado resultados significativos no incremento de produtividade da soja cultivada após o cultivo de pastagem de braquiária. Pesquisas conduzidas em diferentes regiões do Brasil relatam aumentos médios de produtividade que variam entre 10% e 30% em áreas com palhada de braquiária comparadas a áreas sem essa prática. Esses resultados comprovam os benefícios mencionados anteriormente e reforçam a importância da adoção dessa estratégia sustentável pelos produtores rurais.

Em conclusão, o cultivo de pastagem de braquiária antes da soja oferece inúmeros benefícios, como melhoria da estrutura física do solo, ciclagem de nutrientes, incremento de matéria orgânica e controle de plantas daninhas. Contudo, é essencial estar atento aos potenciais problemas, como a propagação de nematoides e competição por recursos. Com um manejo adequado, incluindo rotação de culturas, monitoramento e uso de variedades resistentes, os produtores podem maximizar os ganhos de produtividade e sustentabilidade, assegurando uma transição bem-sucedida da pastagem para o cultivo de soja.

Tendências do mercado agrícola para a safra 2023/24



André Pessôa

é CEO da Agroconsult

Renan Rigo, especial para a Revista Campo

O Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais realizou no dia 17 de agosto o seminário “Tendências de Mercado: Cenário Internacional e Eficiência Energética”, trazendo especialistas para debater perspectivas para a nova safra que começa a ser plantada nos próximos dias. Entre os participantes, esteve presente o CEO e fundador da Agroconsult, André Pessôa, que abordou questões relacionadas ao mercado agrícola, incluindo pontos de atenção que o

produtor deve observar para planejar seus investimentos e direcionar os rumos de sua produção. André Pessôa é engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa e mestre em Economia Aplicada pela Esalq/USP; conselheiro certificado por experiência pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC); membro de conselhos em instituições como Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Câmara de Commodities Agrícolas da

B3, Fundação Certi, Conselho Nacional de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (CNP-Mapa); e de empresas, incluindo SLC Agrícola S.A., Grupo Cavalca S.A. e Grupo Otávio Lage. Nesta entrevista à Campo, além da parte internacional abordada na palestra, André Pessôa também avalia outros aspectos que devem ser considerados pelo produtor no planejamento de seus negócios, incluindo gargalos e oportunidades. Confira!



1 Tivemos recorde na safra de grãos nos dois últimos anos, tanto no Brasil, quanto em Goiás. Isso deve se repetir na safra 2023/24?

É provável que tenhamos no Brasil um novo recorde, pois a área de soja deve voltar a crescer. Em intensidade menor que nos últimos anos, mas ainda deve crescer – em parte se beneficiando da redução da área de milho verão. Além disso, devemos ter a influência positiva do El Niño no

Sul do Brasil, ajudando a recuperar as produtividades, especialmente no Rio Grande do Sul. A área total de milho deve cair pela primeira vez desde a safra 2018/19. Na safra de verão, a queda de área está se consolidando e, na segunda safra, se crescer, será pouco este ano. Mas ainda assim o efeito El Niño também deve favorecer a produtividade do milho verão. A região que preocupa para a próxima safra, em função do El Niño, é o Matopiba – Maranhão,

Tocantins, Piauí e Bahia – que, tradicionalmente, tem produtividade afetada negativamente pelo El Niño. Mas isso não deve impedir uma nova safra recorde de grãos, tendo em vista os efeitos positivos esperados no Sul e a neutralidade do clima no Brasil Central.

2 A produção de commodities, como soja e milho segunda safra, deve continuar valorizada para a próxima safra? Que outros grãos têm ganhado destaque?

Esperamos um ano com preços mais baixos, tanto de soja quanto de milho, na safra 23/24. O trigo vem ampliando a área plantada no Cerrado, com variedades mais tolerantes à Brusone e com o crescimento da irrigação. As áreas mais altas de Goiás são bem propícias a essa cultura. E as novas variedades têm proporcionado boas rentabilidades.

3 É comum que a produção recorde seja muito valorizada, em detrimento das discussões sobre competitividade e lucratividade. O que o produtor deve levar em conta na tomada de decisões na hora de fazer seu planejamento para a próxima safra?

Investir em tecnologia para buscar redução de custo médio de produção e orientar sua comercialização pela margem e não por preços. Ele nunca vai adivinhar qual o maior preço de venda do ano ou qual o menor preço de compra do ano, mas, se usar a relação de troca histórica como um guia da rentabilidade, pode acertar mais nas decisões de compra e venda e se orientar pela margem nessas decisões.

4 O crescimento contínuo da produção tem encontrado alguns gargalos nesta safra, sobretudo no armazenamento. Há alguma expectativa de melhoria para a safra 2023/24?

Não imagino que a situação de déficit de armazenagem se resolva-



rã de um ano para o outro. Isso exige investimentos pesados por muitos anos, tendo em vista o tamanho do déficit que temos. E como os nossos produtores têm retardado a comercialização na safra 23/24 da mesma forma que fizeram em 22/23, o problema tende a se repetir no ano que vem.

5 **Conflitos em outros países mostraram que a dinâmica internacional tem grande influência no comércio de grãos mundial. O que o produtor brasileiro deve observar diante de situações como essa e como ele pode se preparar para atender demandas inesperadas?**

Acredito que na próxima safra, o que mais deveria chamar a atenção dos nossos produtores lá fora seria a possível e provável recuperação da oferta na Argentina, tanto de soja quanto de milho. Sob o La Niña na safra 22/23, a Argentina deixou de produzir 30 milhões de toneladas de soja e cerca de 20 milhões de toneladas de milho. Com El Niño, a safra argentina 23/24 pode ter esses volumes de volta e colocar pressão negativa nos preços internacionais.

6 **O Brasil comercializa muita commodity em detrimento de produtos processados, como farelo e óleo, no caso da soja. É interessante e possível melhorar esse cenário?**

Sim, principalmente se reduzirmos o Custo Brasil e a carga tributária sobre o setor. Mas normalmente vemos pressão no sentido contrário. Governos estaduais ampliando a carga de impostos sobre o setor, como, aliás, é o caso de Goiás.

7 **A China é hoje nosso maior parceiro comercial no mercado de grãos. É positivo aumentar esse leque de opções para venda de produtos do agro brasileiro?**

Sim, sempre é positivo ampliar mercados. Mas não se faz isso de uma hora para outra. É preciso planejamento, presença, paciência e competência. Estratégia de longo prazo e política de Estado e não de governo de plantão. Infelizmente, não fomos capazes ainda de estabelecer essa dinâmica. Nossos produtos chegam a muitos mercados mais pelo desejo e necessidade de nossos clientes de comprarem do

“

Acredito muito no trigo para Goiás. E na irrigação que, para andar mais rápido, precisa de celeridade nas concessões de outorgas de água e de uma significativa ampliação da oferta de quantidade e qualidade de energia elétrica no campo

”



Lucas Ninno

que da nossa competência em vender bem.

8 O Governo Federal tem sinalizado para uma agenda cada vez mais sustentável no agro, favorecendo, por exemplo, investimentos associados a práticas de conservação. O agro já tem muitas ações alinhadas a essas práticas, mas para a próxima safra, o que já poderia ser melhorado, especialmente para agradar mercados mais exigentes?

Os governos estaduais analisarem os milhões de CARs [Cadastro Ambiental Rural] pendentes de análise e validação, seguindo o exemplo de São Paulo que enfrentou o problema com decisão política e capacidade técnica. A maioria dos estados está devendo aos nossos produtores essa tarefa.

9 Goiás tem buscado desenvolver novas culturas, inclusive com o apoio do Sistema Faeg/Senar/Ifag, a exemplo da fruticultura irrigada. Qual a sua opinião sobre essa tentativa de maior diversificação e quais culturas poderiam ser mais exploradas no Estado?

Super bem-vinda a iniciativa. Acredito muito no trigo para Goiás. E na irrigação que, para andar mais rápido, precisa de celeridade nas concessões de outorgas de água e de uma significativa ampliação da oferta de quantidade e qualidade de energia elétrica no campo.

10 Vemos que a agricultura tem crescido ao longo dos anos, especialmente pelo desenvolvimento de tecnologias e pela assistência técnica e gerencial, como a aportada pelo Senar Goiás. O que você recomenda ao produtor no sentido de buscar novas tecnologias e práticas?

Toda e qualquer forma de acessar novos conhecimentos é válida. Mas, atualmente, usar as formas virtuais de capacitação ajuda muito, pois é mais rápido e mais barato. Busque a internet e não perca tempo com treinamento de baixa qualidade. Se o curso ou treinamento não for de excelência, com gente muito capaz transmitindo os conhecimentos, nem perca tempo. Exija das suas associações e entidades sempre alta performance e excelência nos treinamentos oferecidos.

“

Sempre é positivo ampliar mercados. Mas não se faz isso de uma hora para outra. É preciso planejamento, presença, paciência e competência. Estratégia de longo prazo e política de Estado e não de governo de plantão

”

Nos acordes da viola



Com o curso online de viola caipira do Senar, Sr. Luiz José, de 65 anos, aprendeu a tocar o instrumento, diminuindo a ansiedade, ganhando mais autoestima e mobilidade das mãos

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Quando menino, Luiz José de Queiroz olhava o pai tocando viola durante as Folias de Reis e ficava encantado. Até tentou aprender, mas a falta de uma técnica fez o menino desistir em poucas aulas. O fascínio pelos acordes, no entanto, seguiu por toda a vida. Quando se casou, falou para a esposa, Francisca de Queiroz, da paixão pelo instrumento e contou sobre a vontade de tocar. Mais anos se passaram e os filhos vieram. Um dia, a filha Luciana Feitosa soube do desejo. A vida seguiu com o produtor rural do município de Trindade. Uma rotina pesada com a lida do gado de leite que seguia do amanhecer ao anoitecer. Até que um dia veio uma notícia.

"A Luciana chegou dizendo que tinha feito minha inscrição no curso de viola caipira do Senar Goiás, que as aulas seriam pela internet. Eu falei: como você faz isso? Ela disse que nunca esqueceu da minha vontade de aprender a tocar e que essa era a chance. Eu concordei, mas esqueci disso. As aulas começaram e a equipe do Senar vendo que eu não comecei veio atrás de mim. Eu corri, comprei uma viola e então comecei com 13 dias de atraso", lembra o senhor Luiz.

Além de se esforçar para acompanhar a turma, o senhor Luiz tinha outra dificuldade. A internet da propriedade era a rádio e a antena ficava no povoado de Santa Maria, a cerca de cinco quilômetros da sede. Como muitos vizinhos usavam quando amanhecia, ele não conseguia se conectar ao site para fazer as aulas. Com muita determinação, passou a se levantar de madrugada. "Eu me levantava três e meia, quatro da manhã, quando não tinha ninguém usando a rede. Insistia em pegar o conteúdo que já estava adiantado, meus dedos grossos por conta da lida na fazenda também atrapalhavam um pouco.

Teve um momento que eu pensei em desistir. Mas ganhei um puxão de orelha da minha esposa. Ela falou: 'você não é de desistir de nada. Vai desistir agora?' Eu então recebi uma injeção de ânimo e continuei", detalha.



Divulgação



Fredox Carvalho

A grande satisfação do senhor Luiz foi quando ele conseguiu tocar a canção Couro de Boi, clássico da música raiz, que ficou famosa nas vozes de cantores como Tonico e Tinoco, Trio Parada Dura, Sérgio Reis, entre outros. “Foi uma sensação boa demais, de vencer, sabe? De que a gente é capaz. Foi uma grande satisfação. Depois eu toquei Chalana, Chico Mineiro e várias outras. Mas aí eu aprendi uma técnica. Eu não ficava focado só em uma música durante as aulas. Eu pegava a noção para passar de fase e depois aperfeiçoava ela treinando em outras horas. Eu comecei o curso na época da pandemia. E só tinha notícia ruim na TV, então no tempo livre eu praticava. Entrava num mundo de paz, a viola me desconectava das coisas ruins que estavam acontecendo”, conta.

Luciana está muito orgulhosa do pai. Ela diz que o curso deu um novo ânimo para o senhor Luiz. “Antes, meu pai só se dedicava ao trabalho e agora encontrou uma forma de tirar um tempo para ele. Tocar viola, além da realização do sonho, também foi a maneira de realizar uma atividade manual para melhorar os tremores nas mãos, que foi feita investigação

e o neurologista não conseguiu diagnosticar, sugerindo ansiedade. Melhoraram os tremores, melhorou a autoestima, melhorou o relacionamento dele com a família. Minha mãe diz que ele é outra pessoa. Estamos muito felizes com essa nova fase dele”, comemora a filha.

O Senar Goiás está com matrículas abertas para o Curso de Viola Caipira até o dia 20 de setembro, por meio do site: <https://ead.senargo.org.br>. É uma excelente oportunidade de iniciação instrumental e também de contribuir com a tradição da música raiz. Ele é dividido em dois módulos. No primeiro, o aluno irá aprender a tocar, a linguagem musical básica de cifras, tablaturas e conhecerá os principais aspectos culturais relacionados ao instrumento. No segundo, ele terá o avanço no aprendizado com novas canções e desenvoltura suficiente para realizar pequenos improvisos musicais.

“Depois do curso, eu evolui bastante, mandei minha viola para um luthier em São Paulo. Agora ela é ótima. Também comprei afinador, alça de prender, isso contribuiu muito com minha evolução. Eu continuo treinando sempre. Eu volto no tempo de criança quando toco e agradeço ao Senar Goiás por me permitir tanta coisa boa”, conclui o senhor Luiz.

Produção de leite cresce, mas setor precisa vencer desafios

Nas últimas três décadas, houve salto de 14,4 bilhões de litros para 35,3 bilhões produzidos ao ano, segundo IBGE. Apesar disso, são vários entraves que afetam a cadeia produtiva no Brasil e em Goiás. Sistema Faeg/Senar/Ifag/ Sindicatos Rurais atua para buscar soluções para o setor

Fernando Dantas, especial para a Revista Campo

No início de agosto, Goiás se transformou na capital da cadeia leiteira do País. É que foi realizada nova edição do Interleite, evento que reuniu os principais elos do setor lácteo em Goiânia (GO). Foram abordadas diferentes pautas voltadas para o desenvolvimento da atividade leiteira brasileira, por meio de palestras, exposições e demais ações. A escolha de Goiás para sediar o Interleite, pela segunda vez, se deve à importância da pecuária leiteira para o Estado, já que a atividade está presente em praticamente todos os municípios, movimentando a economia e gerando renda para milhares de produtores. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Esta-

tística (IBGE) revelam que apenas no primeiro trimestre deste ano, Goiás registrou 533 milhões de litros de leite industrializado. O resultado deu ao Estado a sexta posição no ranking de maiores produtores, respondendo por 9,1% da produção nacional.

Em uma análise simples, os números são bem expressivos e realmente demonstram a relevância do segmento. Porém, quando toda a atividade é colocada no papel, com avaliação de insumos, custos e preços, é possível perceber o quanto a cadeia produtiva do leite tem passado por desafios nos últimos anos, desde oscilações nos preços, aumento nos custos dos principais insumos, importações desenfreadas de leite e

derivados até retração do consumo de lácteos.

Quem faz esse alerta são os especialistas e representantes de entidades do setor. É o caso do gerente de Assuntos Técnicos e Econômicos da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Edson Novaes. De acordo com ele, a atividade de pecuária de leite não tem nada de simples, é complexa, com vários desafios que ainda necessitam ser superados para que haja um crescimento sustentável. “São desafios que afetam desde a produção dentro da porteira, como fatores naturais que impactam diretamente na atividade produtiva, como a adversidade climática que tem impactado



a atividade nos últimos anos, até os aspectos que estão fora da porteira, onde o produtor não tem governança e que travam o desenvolvimento da atividade, impactando, principalmente, na queda da rentabilidade do produtor de leite”, enfatiza.

Segundo ele, alguns desses desafios estão sempre presentes nas atuais discussões do setor em Goiás e no Brasil, e são fundamentais de serem superados para a continuidade do crescimento e desenvolvimento da atividade láctea, e, conseqüentemente, para a geração de renda para o produtor e melhoria para toda a sociedade. “O primeiro diz respeito ao que chamamos de previsibilidade de preços ao produtor. Retrata a necessidade do produtor - nada mais, nada menos - de saber dos preços do leite que irá ‘vender’ aos laticínios. Hoje isso não é realizado. Atualmente, o produtor de leite entrega o leite em um mês, e só fica sabendo do preço do produto que produziu e entregou, no 25º dia do mês subsequente. Esse problema afeta sobremaneira o setor, prejudicando o planejamento da atividade, a curto, médio e longo prazo e impactando o crescimento da produção e a renda dos produtores”, ressalta.

Outro desafio listado por ele são os elevados níveis de importações de produtos lácteos que entram no País. Dados do Comex Stat mostram que de janeiro a julho foram importados 135,4 milhões de toneladas de lácteos, variação de 211,8% sobre o mesmo período do ano passado.

Com isso, o valor chega a US\$ 520 milhões, o maior da série histórica que se iniciou em 2012. “Como a atividade de pecuária leiteira tem um caráter social importante para a economia nacional, pois atinge milhares de pequenos produtores e famílias, essa quantidade de leite importado que entra no País impacta diretamente, causando queda da produção interna, já que pressionam para baixo os preços recebidos pelos produtores, desestimulando a produção e impactando na perda de renda de milhares de famílias e trabalhadores do setor, gerando desemprego em toda a cadeia. Portanto, é uma atividade que necessita de política pública específica, quando se trata de comércio exterior, no intuito de não haver excedentes que possam prejudicar a estrutura social e econômica que a atividade tem para o País e para Goiás”, acrescenta.

Para tentar mudar essa realidade, Edson afirma que é necessário aprovar projetos de Lei que estão em tramitação no Congresso Nacional para auxiliar os produtores de leite brasileiros, como o PL 952/2019, do ex-deputado José Mário Schreiner – presidente do Sistema Faeg/Senar/Lfag/Sindicatos Rurais -, que pretende determinar o regramento quanto ao limite imposto ao importador brasileiro de leite em pó sobre prazo de validade mínimo do produto. “Esse projeto limita a entrada no mercado brasileiro de leite em pó, desde que no momento da internalização no mercado brasileiro tenha um prazo

mínimo de 70% do seu prazo de validade ainda a vencer. Assim, evita-se que entre no mercado brasileiro produtos que estejam perto do prazo final de vencimento. O propósito não é ser contra a importação, mas sim, regular e equilibrar a entrada de produto importado em excesso que prejudique o produtor goiano e brasileiro”, orienta.

Para o médico veterinário Cassio Camargos, que é diretor científico e coordenador da Comissão Técnica Nacional da Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Abraleite), o maior desafio da cadeia de leite brasileira é a ausência de “ligações”, sejam financeiras, estratégicas, mercadológicas, ambientais, sociais, ou seja, ausência de objetivos “ganha-ganha” e de interdependências entre os elos ou setores da cadeia. “Isso é provocado pela constante e histórica influência de ações governamentais. A cadeia do leite é a mais dependente de ações e políticas de governo do agronegócio brasileiro e uma das poucas que não exporta leite e derivados. Assim, os setores ficam sobrevivendo de forma isolada e com ações pontuais para sustentação das atividades de cada integrante e lutando contra concorrentes internos e internacionais de grandes proporções e ao lado do consumidor. Esse deseja encontrar nas prateleiras produtos lácteos de qualidade com preços interessantes, seguros, nutritivos, produzidos por propriedades e empresas com sustentabilidade e responsabilidade social”, relata.



Wenderson Araujo

Como entender a cadeia leiteira no Brasil

Para saber melhor o porquê desses desafios que ocorrem no segmento, é preciso entender como funciona e qual a realidade da pecuária de leite no Brasil, que está distribuída por todo o território nacional. Contudo, é bastante heterogênea em termos de sistemas de produção e perfil de produtores. Segundo estudo da Embrapa Gado de Leite, de 2020, chamado de “Cadeia Produtiva do Leite no Brasil: produção primária”, mudanças ocorreram na estrutura de produção de leite no País, entre elas uma redução expressiva do número de produtores e a intensificação dos sistemas de produção. “E isso se deu devido à adoção de novas tecnologias, proporcionando um aumento significativo da produtividade dos animais, da terra e da mão de obra e, conseqüentemente, da escala de produção das fazendas. Enquanto a produção nacional de leite cresceu nas últimas décadas, o número de produtores vem caindo de forma expressiva”, relata Edson Novaes.

Estatísticas do IBGE mostram que, em 1996, o Brasil contava com mais de 1,80 milhão de estabelecimentos rurais que produziam leite. Em 2006, esse número caiu para 1,350 milhão e em 2017, o mais recente levantamento censitário identificou 1,176 milhão de produtores. Isso representou uma redução de mais de 600 mil produtores da atividade leiteira em pouco mais de 20 anos. Já o estudo da Embrapa, baseado nos dados do Censo Agropecuário do IBGE de 2017, revela que os estabelecimentos que deixaram a atividade leiteira produziam menos de 50 litros de leite por dia, sendo a maior parte deles com produção diária inferior a 10 litros. No caso de produção acima de 50 litros diários, o número de estabelecimentos cresceu entre 2006 e 2017.

“A expansão da produção brasileira, ao mesmo tempo em que o número de produtores de leite diminui, deve-se ao aumento da escala de produção por fazenda, que tem crescido substancialmente nos últimos anos. Os grandes e médios produtores têm aumentado a escala de produção, produzindo leite com maior tecnologia, qualidade, buscando reduzir custos e ampliar os ganhos com escala e qualidade. Têm-se também observa-

do a maior intensificação da produção através da produção confinada (compost barn e Free stall)”, relata. Por outro lado, reforça Edson, o desestímulo de rentabilidade, diante do impacto dos custos, dificuldades de sucessão familiar, migração para atividades mais rentáveis como plantio de grão e pecuária de corte são alguns dos motivos que levaram, nos últimos anos, a queda do número de produtores de leite, em grande parte dos minis e pequenos produtores.

O diretor científico da Abraleite, Cassio Camargos, amplia essa avaliação do que é a cadeia do leite. De acordo com ele, é formada por vários elos e muito expressiva em termos de faturamento, número de pessoas envolvidas. “Os elos ou setores iniciam na propriedade produtora de leite com os seus fornecedores de insumos, equipamentos, serviços, as cooperativas, sindicatos e associações de produtores de leite e funcionários, além das universidades, empresas de pesquisa, extensão e assistência técnica. Passa pelo transporte do leite e seus apoiadores (postos de combustíveis, oficinas, indústria de caminhões e peças, uniformes, testes e materiais para coleta da amostra e análise do leite na propriedade)”. Ele diz que continua pelos postos de refrigeração do leite e os laticínios que receberão a matéria-prima para processamento industrial. “Para isso, são necessários vários fornecedores de insumos, embalagens, máquinas, câmaras frias, consultores, muita pesquisa e tecnologia. Após a industrialização, tem a equipe do transporte de produtos

láticos, os vendedores, os centros de distribuição, os atacadistas, varejistas, os fornecedores de prateleiras, displays, marketing e promoção das diversas linhas de produtos lácteos e toda equipe de promotores e funcionários das lojas e supermercados para atender os consumidores”, informa.

Cassio complementa que o setor leiteiro brasileiro pode ser segmentado, ainda, em três partes. Os produtores “A”, que possuem ótima qualidade do leite, gestão dos fatores de produção e dos setores da propriedade e crescem mais que 5% ao ano. Os produtores “B” possuem média qualidade do leite e com oscilações e crescem menos que 5% ao ano. Já nos classificados como “C” a qualidade do leite é deficitária e não crescem. “Pode-se dizer que a qualidade do leite e o crescimento da atividade são fatores que identificam a postura gerencial do produtor. Essa segmentação é aplicada em outros setores e não está correlacionada com o tamanho da propriedade e o volume de leite comercializado”, enfatiza.

Por meio dessa avaliação, ele afirma que isso significa que o Brasil tem muitos produtores crescendo, desenvolvendo e aumentando a comercialização do leite e sua qualidade. “Transformaram a atividade leiteira em profissão competitiva com outras cadeias. São poucos crescendo muito pois acreditaram na tecnologia, na gestão, independente do volume e da diversidade do modelo de produção. Do outro lado, são muitos resistindo ao desenvolvimento e reduzindo a produção e até mesmo deixando a atividade leiteira”.



Fredox Carvalho

E o futuro?

Pela análise do representante da Abraleite, os melhores modelos de produção ficarão melhores e os piores ficaram em situação difícil ou melhorarão de forma drástica. “O Brasil possui tecnologias, conhecimentos e assistência técnica para aumentar o volume de leite produzido com qualidade e sustentabilidade”, informa. Para ele, o ponto

importante é que a cadeia do leite precisará assumir a interdependência entre os elos para atender aos mercados (consumidores) internos e externos. Outro fator decisivo, de acordo com Cassio, é ter leite, indústrias e varejos e não existir consumidor com capacidade de consumo para comprar leite e derivados. “A cadeia trabalhará em busca de crescimento perfeito, competitivo e

sustentável com os elos conversando e relacionando de forma clara, objetiva e profissional em cima de números, estratégias e lucro. Essa será a cadeia de leite brasileira ideal. A notícia ruim é que estamos longe desse cenário, mas a notícia boa é que existem líderes buscando a modernização. Isso deixa todos os elos com a sensação de que é possível”, reforça.

Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais: atenção especial com o setor

Se há uma entidade que realmente atua para fortalecer, modernizar e buscar vencer os desafios do segmento leiteiro é o Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais. O trabalho se dá em várias vertentes. Tanto na esfera da representatividade e defesa da classe produtora rural, como na ação direta do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar Goiás), levando, treinamento, cursos e Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) ao maior número possível de produtores de leite.

No que tange à representatividade e defesa da classe, o gerente de assuntos técnicos e econômicos da Faeg, Edson Novaes, garante que houve avanços no Estado. “Algumas ações foram desencadeadas, nos últimos anos, pela Comissão de Leite da Federação no intuito de contribuir para fazer frente a esses desafios. Como exemplo, podemos citar a criação da Câmara Técnica de Conciliação da Cadeia Láctea de Goiás, criada pelo governador Ronaldo Caiado, em 2019, objetivando uma maior harmonização da cadeia, principalmente na relação entre produtor e indústria, para discutir os problemas e soluções para o setor”.

Ele cita o exemplo também do Índice da Cesta de Produtos Lácteos, criado dentro da Câmara. “Um índice calculado pelo Instituto Mauro Borges, discutido e desenvolvido através de um diálogo entre representantes do setor produtivo primário e setor industrial, e que é utilizado para o monitoramento do comportamento de mercado dos preços dos principais produtos

derivados lácteos produzidos pelas indústrias de Goiás, com o objetivo de servir como referência para que os produtores e indústrias possam negociar entre si os preços pelo leite que foi produzido e comercializado pelos produtores. Foi o início de um trabalho, com foco em dar maior transparência à relação produtor/ indústria, mas precisamos evoluir para que atenda a realidade pelo qual passa o setor produtivo primário. O desafio é fazer que realmente este índice seja utilizado como uma referência para a negociação de preços entre produtor e indústria”, relata.

No caso do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária no Estado de Goiás (Ifag), Edson relaciona o desenvolvimento do ILC [Índice de Insumos para a Produção de Leite Cru no Estado de Goiás]. Esse índice tem por objetivo, mensalmente, através da coleta de preços, retratar a variação dos preços dos principais insumos que compõem os custos de produção de leite dos produtores de Goiás. “É importante para que os produtores possam utilizá-lo como parâmetro de comparação nas negociações dos seus



preços com as indústrias de laticínios”, acrescenta.

Em nível nacional, o gerente da Faeg destaca que, atualmente, o Sistema CNA/Faeg tem executado várias ações para conter os excessos das importações de lácteos que entram no País e que estão causando depressão de preços aos produtores. “Por exemplo, podemos citar várias reuniões que foram realizadas entre CNA com os Ministérios do Desenvolvimento Agrário (MDA), da Agricultura e Pecuária (Mapa) e do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), cobrando do governo ações para conter essas importações, bem como ações na esfera Legislativa para que sejam aprovados Projetos de Lei de interesse da classe produtora.

Já o Senar Goiás tem ofertado assistência técnica e qualificação para quem atua no segmento. De acordo com o coordenador técnico do programa de ATeG da entidade, João Buenos, atualmente são 2.756 propriedades rurais de leite em atendimento, com vários ‘casos de sucesso’. “São produtores que estavam pensando em parar com a atividade, vender a propriedade etc., e com as visitas dos nossos técnicos deram um upgrade no negócio, aumentaram a produção, conseguiram ter aumento na lucratividade e até retorno dos filhos à propriedade, promovendo a sucessão familiar”, relata. Ele informa ainda que a Assistência Técnica e Gerencial contempla várias áreas da atividade, desde balancea-

mento de dieta, interpretação de análise de solo, recomendação de adubação, manejo de pastagens, análise de indicadores técnicos e econômicos até cálculo de custo de produção.



Larissa Melo

Gerente da Faeg, Edson Novaes afirma que o setor passa por vários desafios que precisam ser superados para haja crescimento sustentável

Cooperação

Um sistema que também traz resultado positivo na agropecuária, inclusive na pecuária leiteira, é o cooperativismo. “As cooperativas de leite lidam com flutuações nos preços devido a fatores como oferta e demanda, condições climáticas e volatilidade nos mercados globais de lácteos. Além disso, elas competem com grandes empresas do setor lácteo e com a importação vinda principalmente da Argentina e Uruguai e precisam encontrar maneiras de se destacar no mercado, seja através da produtividade, na qualidade do produto, diferenciação de

marca ou estratégias de marketing eficazes e agregação de valor por meio da industrialização. Algumas cooperativas goianas já têm conseguido sucesso atuando nessa direção, agregando valor ao leite com foco na qualidade dos seus produtos lácteos”, afirma o presidente do Sistema OCB/Goiás, Luís Alberto Pereira.

De acordo com dados da entidade, atualmente são 44 atuando no segmento do leite em Goiás. “O leite é muito importante para o estado e para o cooperativismo. Das nossas 86 cooperativas do ramo agro, metade trabalha com o produto, ou

seja, boa parte do leite produzido no Estado passa por uma cooperativa. Por esse motivo, as cooperativas de leite têm atenção especial do Sistema OCB/GO no apoio e desenvolvimento de gestão, para o incremento da produção láctea”.

Luís Alberto Pereira ressalta que o agronegócio em geral e a indústria de laticínios estão se modernizando rapidamente, com avanços em tecnologia, melhoramento genético, automação e práticas agrícolas. Ao mesmo tempo que isso é bom, segundo ele também significa desafios. “As cooperativas precisam acompanhar essas mudanças para aumentar a eficiência, melhorar a qualidade do produto e reduzir custos. No entanto, nem sempre é fácil para pequenas cooperativas adotarem essas inovações devido a restrições financeiras ou falta de conhecimento técnico. É nesse sentido que o Sistema OCB/GO pretende apoiar e atuar junto às cooperativas”.

Por fim, ele acredita que a implementação da tecnologia na pecuária leiteira é um caminho sem volta e em Goiás precisa ser aplicada em maior escala e de maneira urgente. “Neste sentido, estamos estruturando um programa para priorizar o melhoramento genético e a alimentação animal, com foco no aumento do faturamento de cooperados e cooperativas, para médio e longo prazo”, finaliza.



Cristiano Borges

Presidente do Sistema OCB/Goiás, Luís Alberto Pereira informa que de 86 cooperativas do ramo agro em Goiás, metade trabalha com o produto leite

Mais espaço para armazenar

Aumento do déficit de estruturas de armazenagem no País, acentuado pela produção recorde de grãos na atual safra, põe em risco a competitividade brasileira e acende alerta para a necessidade de incentivos a investimentos no setor. Produtores têm interesse, mas cobram mais recursos e melhores condições de investimento

Renan Rigo, especial para a Revista Campo

Recorde na produção de soja e recorde na produção de milho. O Brasil nunca colheu tantos grãos como prevê a estimativa para a safra 2022/2023 da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Segundo o último levantamento, divulgado em agosto deste ano, o País deve produzir 320 milhões de toneladas de grãos, sendo 32 milhões apenas em Goiás – recorde também para o Estado, dentro da série histórica divulgada pela Conab, que avalia a produção desde 1977. São tantos grãos que o produtor ao invés de comemorar, viu-se diante de um gargalo que tem se intensificado com o passar do tempo e ficado mais evidenciado neste ciclo: a falta de armazéns para guardar todo esse volume alcançado.

De acordo com os dados do Sistema de Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras (Sicarm), disponível no Portal Armazéns do Brasil da Conab, o Brasil tem hoje capacidade estática de armazenar 196,4 milhões de toneladas (déficit de 123,6 milhões

de toneladas). Comparando os estados brasileiros, Goiás aparece em quinto lugar no ranking nacional de armazenagem da capacidade estática, com 15,7 milhões de toneladas, atrás de Mato Grosso (48 milhões de toneladas), Rio Grande do Sul (32,4 milhões de toneladas), Paraná (30,9 milhões de toneladas) e São Paulo (15,8 milhões de toneladas). "Em Goiás, considerando apenas a produção de soja e milho, o déficit estático de armazenagem chega a mais de 15 milhões de toneladas, ou seja, mais de 50% da nossa produção de soja e milho, em 2023, encontra dificuldade de armazenagem", avalia o assessor técnico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Leonardo Machado. Conforme ele explica, no Estado, entre 2010 e 2023, a produção de soja e milho cresceu 150%, enquanto a capacidade de armazenagem de grãos apenas 30%.

Em termos de competitividade, o recorde de produção aliado ao déficit de armazéns pode inclusive representar uma ameaça para a agri-

cultura brasileira. De acordo com o presidente da Câmara Setorial de Equipamentos para Armazenagem de Grãos da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (CSEAG-Abimaq) e diretor da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho), Paulo Bertolini, esse prognóstico de recorde pode impactar o setor de armazenagem porque o ritmo de crescimento da produção brasileira é maior do que o ritmo de crescimento da capacidade estática de armazenagem de grãos. "No caso do Paraná, por exemplo, já tivemos problemas por falta de espaço nos armazéns nesta safra, já na primeira safra, na colheita da safra de verão. Muitas cooperativas, aqui no Paraná, portos, indústrias, cerealistas e mesmo assim faltou armazém. Tivemos registro inclusive de cooperativas enviando mensagens aos cooperados que não teriam como receber a produção, lá em fevereiro e março, e isso gerou um caos e um desespero", ponderou. "Há muito tempo essa questão do déficit





Leonardo Machado

Assessor técnico da Faeg, Leonardo Machado informa que o déficit de armazéns gera efeito cascata para o produtor vem acontecendo e, de certa forma, prejudicando os agricultores ou por perda da qualidade da produção ou por perda do momento adequado da colheita ou ainda pela perda de preço do seu produto, uma vez que o mercado fica sobreofertado por falta de espaço de armazém”, considera.

Essas condições acabam gerando um efeito cascata para o produtor e para a economia de modo geral. O assessor técnico da Faeg, Leonardo Machado, elenca prejuízos tanto na produção, quanto na comercialização. “Dificuldade na comercialização, sendo obrigado a vender sua produção no momento da colheita, situação onde os preços estão mais baixos; elevação dos custos de produção, já que alguns contratam o serviço de armazenagem, pagando altos custos

neste processo; e armazenamento a céu aberto, casos mais raros, correndo o risco de perda de qualidade da produção.”

Milho à prova

Apesar de o déficit de armazenagem afetar toda a produção de grãos, de modo geral, a cultura do milho é a mais prejudicada segundo especialistas. “O milho tem um valor agregado menor do que a soja, então ele compete com o produto pelo mesmo espaço de armazenamento que tem duas ou três vezes o valor do milho. Então, entre deixar a céu aberto a soja, que vale mais, ou o milho, que vale menos, obviamente que os produtores preferem deixar o milho. Só que o milho também tem uma outra característica por área plantada, que é o volume que ele produz. É mais do que o dobro do volume produzido com soja. Numa mesma área você tira dela muito mais volume, então ele demanda mais espaço”, analisa Paulo Bertolini, diretor da Abramilho e presidente da CSEAG-Abimaq.

A Conab prevê recorde na produção de milho total no País, com estimativa de 130 milhões de toneladas na safra 2022/23, sendo 12,1 milhões produzidos em Goiás, que ocupa o quarto lugar na produção nacional. O Estado tem como destaque a produção do milho segunda safra, cuja estimativa aponta para produção recorde de 10,5 milhões no atual ciclo. Em termos de produtividade, a projeção da Companhia é de que o milho alcance 6,4 toneladas por hectare em Goiás, chegando em alguns estados,

como Santa Catarina, a 8,2 toneladas por hectare (ante 3,9 toneladas por hectare da soja, em Goiás).

Apesar de demandar mais espaço e ter menor valor de mercado se comparado com a soja, o milho ainda segue valorizado no mercado, sobretudo internacional. De acordo com dados das Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (Agrostat) do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), de janeiro a julho deste ano, o Brasil exportou 15,9 milhões de toneladas de milho – correspondendo a 4,4 bilhões de dólares (crescimento de 52,9% em volume e 50,4% em valor, considerando o mesmo período do ano anterior). E em Goiás, o total exportado no acumulado do ano é de 1,1 milhão de toneladas e 311,7 milhões de dólares (aumento de 87,2% em volume e 80,5% em valor, considerando o mesmo período do ano anterior).

“O Brasil vai ser e já está se tornando o maior exportador de milho do mundo este ano. É o terceiro maior produtor de milho e tem um potencial enorme de crescimento. O Mato Grosso, por exemplo, já produz mais volume de milho do que soja e isso vai acontecer no Brasil nos próximos anos. Isso é uma previsão da Abramilho”, relata Bertolini. “E o casamento entre primeira safra soja e segunda safra milho tem dado muito certo no Brasil e é um diferencial competitivo fenomenal com outros países. E isso gera rotação de cultura, inclusive melhora a fertilidade do solo quando você faz dessa forma, então o Brasil





Divulgação

Paulo Bertolini (Abimaq e Abramilho) diz que a produção brasileira de grãos cresce mais do que a capacidade estática de armazenagem

vai crescer muito na produção de milho e isso vai demandar muita armazenagem”, acrescenta.

Estratégia para superar gargalos

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo milho, especialmente na questão da armazenagem, empresas que apostam na cultura têm conseguido contornar os gargalos existentes e obter bons resultados, aliando estratégias de gestão e parcerias. É o caso da Milhão Ingredients, empresa especializada em milho convencional, que também se viu afetada pelas limitações na infraestrutura de armazenagem. Conforme explica o superintendente de Agronegócio da Milhão, Adilson Fagundes, as limitações para o milho foram exacerbadas pelo atraso na comercialização da safra 2022/23 de soja, aliado ao aumento da produtividade de grãos, que superou a expansão da capacidade de armazenagem estática. “Para otimizar a mitigação de impactos, a Milhão estabeleceu parcerias com armazéns externos. Além disso, a empresa utiliza suas instalações fixas em Goianira (fábrica) e emprega silos bolsas. Essas ações são complementadas pela colaboração com clientes que optam por armazenar em suas próprias propriedades”, salienta. “No que tange a investimentos recentes em capacidade de armazenagem de grãos, a Milhão tem direcionado recursos significativos. Quanto à suficiência desses investimentos, a empresa continua a monitorar de perto a demanda e realizará ajustes, conforme necessário, para atender de maneira eficaz às necessidades em evolução”, complementa.

Adilson explica ainda que a parceria com o produtor se dá tanto no finan-

ciamento ou fomento à produção e assistência técnica, como em armazenagem dentro da própria Milhão. “Uma das vantagens da parceria é a possibilidade de armazenagem dos grãos nas instalações da empresa, sem custos adicionais para o produtor. Isso assegura uma gestão eficiente da safra”, acrescenta. Segundo dados da empresa, a fábrica de Goianira tem capacidade de produção de 23,4 mil toneladas por mês e capacidade de armazenagem de 59 mil toneladas. “Somando com os demais armazéns colaborativos chegamos em um total de 130 mil toneladas”, reforça Adilson.

O Sistema Faeg/Senar/Ifag está atento a essa realidade e procurando somar esforços nas discussões sobre o déficit de armazenagem no País, buscando soluções em nível nacional, compondo o movimento junto à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), e também buscando dar orientações aos produtores. “Além de capacitar o produtor no conhecimento das ferramentas de financiamento, o Senar possui cursos que auxiliam na operacionalização do armazém, por exemplo”, destaca o assessor técnico da Faeg, Leonardo Machado.

Um desses cursos é o de Secagem e Armazenamento de Grãos, promovido

em parceria com os Sindicatos Rurais. O curso tem carga horária de 24 horas e aborda como temas questões relacionadas à unidade armazenadora de grãos, medidas de proteção, meio ambiente e impactos ambientais, estrutura e operação em silos, ponto de maturação da colheita de grãos, secagem e etapas do funcionamento de um secador, tipos de fornalha, identificação e controle de pragas em grãos armazenados e manutenção do secador. Para agosto e setembro, já há turmas confirmadas nos municípios de Jataí, Porangatu, Edéia, São João d’Aliança e Cabeceiras e para mais informações sobre como acessar e promover um curso, os produtores podem procurar o Sindicato Rural de seu município.



Divulgação

Superintendente da Milhão, Adilson Fagundes afirma que para otimizar impactos de espaço de armazenagem, a empresa estabeleceu parcerias com armazéns externos

Investimento dentro da propriedade é fundamental

De acordo com a Conab, a capacidade estática a nível de fazenda, no Brasil, é de 31,17 milhões de toneladas. “Nos Estados Unidos, mais de 60% da capacidade estática de armazenagem está dentro das fazendas, onde é o local mais adequado para a logística e para o produtor. Enquanto que, no Brasil, apenas 15% da capacidade estática está dentro das fazendas e esse número está estacionado a pelo menos dez anos e não muda, não aumenta”, alerta o presidente da Câmara Setorial de Equipamentos para Armazenagem de Grãos (CSEAG) da Abimaq, Paulo Bertolini. “Hoje, 85% das estruturas de armazenagem estão nos centros urbanos, industriais e portos. O que falta no PCA [Programa para Construção e Ampliação de Armazéns] é a vocação dele para fazendas, vocacionar com mais recursos, recursos bastante substanciais, para que não falte recurso para investimento de armazenagem dentro das fazendas, prioritariamente.”

Ele acrescenta que, hoje, é completamente viável o investimento pelo próprio agricultor, mesmo para pequenos agricultores. “Existem sistemas de secagem, processos que podem ser alcançados por produtores pequenos e em qualquer região do País, como por exemplo silos secadores, secadores de menor capacidade, então isso é possível acontecer”, aconselha.



Divulgação/Milhão Ingredients

Capacidade industrial

Pelo lado da indústria, empresas ligadas ao setor e entidades representativas afirmam que há capacidade instalada para a construção de unidades de armazenagem no País. “A indústria brasileira tem capacidade, tanto é que ela exporta para mais de 40 países. Isso prova que ela tem capacidade fabril e capacidade tecnológica para acontecer”, pontua o presidente da Câmara Setorial de Equipamentos para Armazenagem de Grãos da Abimaq, Paulo Bertolini.

Um exemplo é a Kepler Weber, empresa do segmento que trabalha em projetos agrícolas, como a construção de silos planos e silos elevados. De acordo com o diretor comercial da companhia, Bernardo Nogueira, o ano de 2022 foi o melhor ano da história da empresa, que está prestes a completar 100 anos. “Alguns fatores contribuíram para que conseguíssemos estes resultados. Temos atuado para diversificar territórios e segmentos, uma estratégia que permite estar mais próximo dos clientes, com soluções inovadoras e eficiência, que são diferenciais da Kepler Weber”, explica. “O Estado de Goiás tem papel fundamental na produção de alimentos. Como terceiro maior produtor de grãos do Brasil, atrás apenas de Mato Grosso e Paraná, os agricultores daqui também precisam investir em armazenagem. Só no ano passado, a Kepler Weber realizou 50 novos projetos de pós-colheita para o Estado de Goiás.”

Ainda conforme o diretor, no ano passado o produtor estava capitalizado em função da valorização das commodities no mercado internacional e que, mesmo agora em 2023, devido à pressão causada pela falta de armazéns, a empresa registrou aumento de 10% no interesse por projetos de beneficiamento e armazenagem de grãos, em relação ao primeiro trimestre de 2022, que foi o ano recorde da companhia. “Dentro da estratégia de diversificação de segmentos e territórios, a companhia possui um Centro de Distribuição em Rio Verde, que permite ao agricultor acessar peças de reposição a preço de fábrica, além de serviços”, demonstra. “A companhia



Diretor comercial da Kepler Weber, Bernardo Nogueira ressaltou que os agricultores também precisam investir em armazenagem

também tem atuado nos últimos anos para fomentar a digitalização no pós-colheita. Este ano anunciamos a compra da Procer, líder no segmento de tecnologia para pós-colheita, como forma de acelerar este processo. A Procer atua com amplo licenciamento, atendendo, inclusive, unidades armazenadoras de outras marcas”, complementa.

Acesso ao crédito

Para mudar o cenário de déficit de armazenagem frente à crescente produção de grãos no País, o setor é uníssono quanto à necessidade de aumento do crédito disponível para investimento. Segundo o presidente da Câmara Setorial de Equipamentos para Armazenagem de Grãos da Abimaq, Paulo Bertolini, é preciso que o ritmo de investimento aumente na questão das linhas de crédito. “O que falta hoje é linha de crédito para armazenagem em quantidade suficiente, dinheiro suficiente. O PCA [Programa para Construção e Ampliação de Armazéns] é uma boa linha, porém ela não tem recursos suficientes para atender a demanda e a necessidade brasileira”, avalia.

O PCA é um Programa do Governo Federal dentro do plano de financiamento da agricultura e da pecuária empresarial no País – Plano Safra, cujo valor anunciado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) para a safra 2023/24 é de R\$ 6,65 bilhões. O montante teve aumento no volume de recursos de 81% para construção de armazéns com capacidade de até seis mil toneladas (o valor passa de R\$ 1,57 bilhões para R\$ 2,85 bilhões) e para

armazéns de maior capacidade, o aumento será de 61%, passando de R\$ 2,36 bilhões para R\$ 3,80 bilhões. De acordo com o Mapa, o objetivo é fortalecer o financiamento de investimentos necessários à construção de novos armazéns, no intuito de aumentar a capacidade estática instalada de armazenagem.

“O PCA esse ano veio com R\$ 6,65 bilhões contra R\$ 5,13 bilhões do Plano Safra anterior, portanto quase 30% a mais de recurso. Só que ele está contingenciado para liberações trimestrais e isso é muito ruim para o segmento, porque o investimento em armazenagem demanda de muito tempo”, analisa Bertolini.

No que depender do setor, caso exista de fato essa possibilidade do incremento, da liberação do contingenciamento e de melhores condições de investimentos, o déficit poderá em um futuro começar a ser revertido. “Os produtores e agroindústrias estão empenhados na construção de novos armazéns para lidar com as demandas crescentes. No entanto, a produção continua a aumentar a um ritmo acelerado, e um incremento nas linhas de financiamento específicas, com taxas atrativas, disponibilizadas pelo BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], poderia ser um impulso significativo nesse cenário”, comenta o superintendente de Agronegócio da Milhão, Adilson Fagundes.

“Como alternativa inovadora, a Kepler Weber, o BNDES e o BTG Pactual Asset lançaram em dezembro de 2022 um Fiagro/FIDC de R\$ 300 milhões. Importante destacar que este Fiagro financia o projeto completo de pós-colheita, tanto os equipamentos, quanto as obras de infraestrutura da planta”, acrescenta o diretor comercial da Kepler Weber, Bernardo Nogueira.

Além disso, dentro do próprio Estado, há recursos disponibilizados para financiamento de estruturas de armazenagem, como o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO). Na linha Rural, de acordo com a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), que ana-

Divulgação

lisa as cartas-consultas que passam pelo Câmara Deliberativa do Conselho de Desenvolvimento do Estado (CDE/FCO), foram aprovados R\$ 68,9 milhões para investimentos em armazenagem de 2019 a 2023. “Diante da importância do tema, essa é uma questão que vem sendo tratada pelo Estado como prioridade, a fim de assegurar maior competitividade ao cenário goiano, na garantia do melhor preço ao agricultor”, explica a superintendente de Produção Rural, Patrícia Honorato. “Atualmente, o próprio FCO já prevê atendimento a esse tipo de investimento, tanto sob o caráter rural, em sua linha de Desenvolvimento Rural, quanto empresarial, a depender do tamanho e especificações do interessado. Além disso, pelo BNDES os produtores rurais, bem como cooperativas, podem solicitar a linha de crédito PCA. Goiás ainda investe nesse tema através do Programa de Desenvolvimento Regional Pro-Goiás, que tem como fundamento ser um novo modelo de incentivos fiscais do Governo de Goiás, numa medida de desburocratizar a concessão de benefícios fiscais para os setores envolvidos”, complementa. A título de exemplo, a Kepler Weber contabilizou, em 2022, a captação de aproximadamente R\$ 55 milhões em financiamentos completos (equipamentos + infra-



Superintendente da Seapa, Patrícia Honorato informa que recursos para financiamento de estrutura de armazenagem vem sendo tratada como prioridade pelo Estado

estrutura) para clientes Kepler, dentro do FCO.

Para o Sistema Faeg/Senar/Ifag, se de fato estes recursos estiverem disponíveis, a questão de financiamento não será um problema. “Diante disso, é necessário que o produtor calcule sua viabilidade para avançar na construção de seus armazéns”, enfatiza o assessor técnico da Faeg, Leonardo Machado. Segundo pesquisa inédita

divulgada no começo de agosto pela CNA e realizada pela Esalq-Log/USP, que ouviu 1.065 produtores rurais de todas as regiões do País, 72,7% demonstraram interesse em investir na armazenagem por meio de um crédito com taxa de juros atrativas e 54,0% dos produtores disseram ter interesse para comportar o aumento da produção própria e 15,9% para atender terceiros.

Diagnóstico

Pesquisa da CNA, realizada pela Esalq-Log/USP, no final de 2022, com 1.065 produtores rurais de todo o País, traçou o “Diagnóstico da Armazenagem Agrícola no Brasil”, com um perfil completo da armazenagem de grãos dentro das propriedades rurais brasileiras. Confira os principais números:

- 61,0% não têm infraestrutura de armazenagem na propriedade; 19,8% possuem armazém do tipo silo, convencional ou graneleiro;
- A capacidade média total dos armazéns no Brasil é de 159.385 mil sacas de grãos. O Centro-Oeste comporta 214.592 mil sacas;
- 42,2% responderam que guardam a produção de 4 até 6 meses; e 22,5% de 7 até 9 meses;
- Em 2021, 66,4% dos produtores que não possuíam infraestrutura de armazenagem contrataram serviços de terceiros. O Centro-Oeste é a região com maiores taxas de contratação (86,5%);
- 72,7% demonstrou interesse em investir na armazenagem por meio de um crédito com taxa de juros atrativas;
- 54,0% dos produtores disseram ter interesse para comportar o aumento da produção própria; 15,9% para atender terceiros e produção própria; e 30,1% não tem interesse;
- As regiões com maior interesse em expandir a capacidade estática de armazenagem são o Norte (82,7%), Centro-Oeste (78,4%) e Matopiba (73,3%);
- Quando questionados sobre o ganho econômico médio com o uso do armazém, nas últimas três safras, comparado ao preço médio na época de colheita, 40,8% teve ganho entre 6% e 20%;
- 35,7% conhecem o Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA) e 25,9% não conhecem as linhas.



Do quintal ao parreiral

Curso de produção de uvas no Cerrado goiano, totalmente on-line, traz orientações específicas para um cultivo de sucesso no Estado

Revana Oliveira | revana@sistemmafaeg.com.br

“**A** cultura da uva em Goiás tem pontos positivos se comparados, por exemplo, com o Sul do Brasil. Lá a produção é uma vez por ano. Por quê? Porque no meio do ano o inverno é rigoroso e a uva entra em dormência. Vale lembrar que ela gosta de calor. Já no Nordeste é calor o ano inteiro e chove pouco, e assim se produz frutos de extrema qualidade duas vezes por ano, pois os produtores complementam a água com a irrigação que a uva precisa. E nós, estamos no centro do Brasil, entre o Sul e o Nordeste. Temos temperatura média em torno de 28°C, adequada

para a maior parte das fases de desenvolvimento da videira”, explica de forma detalhada as vantagens de se cultivar uvas em Goiás, o engenheiro agrônomo e instrutor do Senar Goiás, Matheus Elache Rosa.

Ele acrescenta que, em terras goianas, a luminosidade anual é de, aproximadamente, 2.700 horas de luz, o que é muito bom. “Além disso, tem uma excelente oferta de água e muitas áreas agricultáveis disponíveis. Lembrando que o cultivo da uva pode ser feito em pequenas áreas com poucos hectares. Por isso não precisamos desmatar, reduzir a pecuária, e muito

menos reduzir as áreas das grandes culturas. Goiás tem muitas áreas paradas e bem localizadas que podem ser trabalhadas com essa cultura”, reforça.

De acordo com os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Goiás ocupa a 10ª posição no ranking nacional de produção de uva. Se comparado a outros estados brasileiros, é um volume pequeno. No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional da fruta, a safra de 2022 ultrapassou 700 mil toneladas. Pernambuco fica em segundo lugar, com uma produção anual de 399 mil



toneladas, seguida de São Paulo com 164 mil toneladas. Diante do potencial de crescimento no território goiano, o Senar Goiás, que já tem o curso presencial do Cultivo de Uvas, lançou um novo, voltado para a plantação no Cerrado.

“A questão do cultivo de uvas em Goiás está crescendo bastante, então a partir desse crescimento e interesse das pessoas pelo assunto, decidimos criar o curso. Em Goiás, alguns aspectos e técnicas são diferentes do cultivo em outras regiões. Por isso, este curso é fundamental para quem tem interesse na produção de uvas na região”, reforça a gerente de educação formal do Senar Goiás, Mara Lima.

A uva cultivada no Cerrado possui características que conquistam cada vez mais o mercado de mesa e se destaca

na produção de vinhos. Alguns rótulos já receberam premiação internacional e o turismo nas vinícolas e parreirais se tornaram tendência. Mesmo assim, cerca de 25% do total das frutas comercializadas nas Centrais de Abastecimento de Goiás (Ceasa Goiás) são de plantações locais, o que mostra espaço para crescimento de venda bastante considerável para o consumo interno. Destacam-se na produção os municípios de Itaberaí, Paraúna, São João da Paraúna, Aragoiânia, Formosa, Pirenópolis e Cocalzinho.

O curso "Produção de Uvas no Cerrado Goiano", totalmente on-line, gratuito, tem carga horária de 20 horas e duração de 30 dias. Beatriz Lourenço Rodrigues, estudante da Universidade Federal de Goiás (UFG), foi uma das primeiras a fazer a qualificação. "Foi ótimo

o curso. Apreendi bastante e de forma bem dinâmica. Vou indicar aos meus amigos da pós-graduação", pontua. Já o participante Fernando de Freitas colocou os conhecimentos em prática. "Minha nota para o curso é dez. Me ajudou muito com minha videira, em como combater as pragas bem como as podas corretas", agradece. Samuel Pereira, outro aluno do curso, também gostou das possibilidades que a qualificação oferece. "Para mim foi excelente a exposição do conteúdo e ajuda muito para abrir futuros empreendimentos", conclui. As matrículas gratuitas podem ser feitas de forma on-line.

Acesse aqui.



Conheça os módulos do curso

Módulo 1 – História da videira no Brasil

Visão geral: evolução da videira no Brasil
Viticultura tradicional
Viticultura no Semiárido brasileiro
Viticultura no Cerrado goiano

Módulo 2 – A viticultura em Goiás

Manejo da dupla poda
Variedades de porta-enxertos
Variedades de uvas de mesa
Variedades de uvas viníferas

Módulo 3 – Implantação do vinhedo

Propagação das mudas
Preparo inicial do solo, nutrição e adubação
Sistemas de condução
Sistemas de irrigação

Módulo 4 – Tratos culturais e manejo fitossanitário da videira

Manejo da parte aérea
Manejo de doenças
Manejo de pragas
Manejo de plantas daninhas

Módulo 5 – Colheita e pós-colheita da videira

Maturação e colheita da uva
Logística de transporte e armazenamento
Beneficiamento e comercialização
Enoturismo



Fredox Carvalho

Pesagem de bovinos por câmeras utilizando Inteligência Artificial: o futuro da pecuária



Adrielly Santos
é CEO da Gado Pesado

A pecuária é uma atividade fundamental e antiga para a economia global, fornecendo carne e produtos lácteos para populações em todo o mundo. No entanto, para garantir a eficiência e o crescimento sustentável desse setor, é crucial adotar tecnologias inovadoras.

Um aspecto essencial na pecuária de corte é o processo de pesagem de bovinos, que monitora o ganho de peso, detecta problemas de saúde e rastreia o desempenho dos animais. Infelizmente, esse processo tem sido tradicionalmente manual, demandando tempo, mão de obra e recursos consideráveis dos pecuaristas, o que nem sempre garante precisão e eficiência.

Muitos pecuaristas enfrentam desafios na obtenção de balanças e, por isso, fazem estimativas visuais do peso dos animais. No entanto, investir em métodos de precisão é essencial, pois a reprodução, a sanidade e o ganho de peso são

pilares para uma boa produtividade do rebanho.

Felizmente, soluções inovadoras estão surgindo para enfrentar esses desafios. A startup Gado Pesado, criada durante um hackathon, em 2022, pela Faeg oferece uma solução promissora. A empresa utiliza a Inteligência Artificial para estimar com precisão o peso dos bovinos por meio de câmeras 2D (celular) estrategicamente posicionadas em corredores ou áreas de manejo. Isso permitirá que os pecuaristas tenham informações precisas e eficientes sobre o peso de seus animais na palma da mão.

Essa abordagem trará uma série de benefícios para a indústria pecuária. A automação do processo de pesagem economiza tempo e esforço dos pecuaristas, liberando-os para se concentrarem em outras tarefas importantes. Além disso, permitirá o acompanhamento remoto, identificação do momento certo para o abate,

avaliação do desempenho produtivo e aumento da lucratividade do negócio. Os dados coletados pelas câmeras são enviados para um sistema central, acessível aos pecuaristas de qualquer lugar, o que melhora a tomada de decisões em tempo real e agiliza o gerenciamento do rebanho.

A Gado Pesado está revolucionando a pecuária tradicional com uma solução acessível, que atinge 95% de precisão no peso do lote, não causa estresse aos bovinos e traz inúmeros benefícios para o setor como um todo. Com essas inovações, estamos caminhando em direção a uma pecuária mais sustentável, eficiente e ética, proporcionando melhores condições de bem-estar aos animais e melhorando a produtividade do setor como um todo. O futuro da pecuária está nas mãos de soluções inteligentes e tecnologicamente avançadas como a oferecida pela Gado Pesado.



Batalhão de Polícia Militar Rural de Goiás tem novo comandante



Divulgação



Divulgação

No dia 15 de agosto, ocorreu na sede do Comando de Operações de Cerrado, situado na Vila Novo Horizonte, em Goiânia (GO), a solenidade de Passagem de Comando do Batalhão Rural da Polícia Militar do Estado de Goiás. Durante o evento, o coronel PM Alexandre Saliba Sales passou o comando da unidade ao tenente-coronel PM Fábio Francisco da Costa.

O ato solene foi presidido pelo coronel André Henrique Avelar de Sousa, comandante-geral da Polícia Militar de Goiás. Na ocasião, o ex-comandante alcançou o posto mais alto da escala hierárquica da Polícia Militar de Goiás, tornando-se coronel, assumindo a Comando

de Operações de Cerrado. Fica sob sua supervisão o Batalhão de Polícia Militar de Divisas, Batalhão de Polícia Militar Ambiental e também do Batalhão de Polícia Militar Rural. Sua nova responsabilidade inclui a coordenação estratégica dessas unidades, que desempenham papéis vitais na segurança e proteção da região do Cerrado.

O coronel Saliba havia assumido o Comando do Batalhão Rural em julho de 2022. Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), ele possui pós-graduação em Especialização e Gestão em Segurança Pública (Cesgesp), Altos Estudos de Segurança Pública (Caesp), além de Análise

Criminal. Concluiu ainda diversos cursos operacionais, incluindo o XIX Curso Internacional de Operações Especiais (Copes) pela Polícia Nacional da República da Colômbia, Curso de Operações de Inteligência Policial Militar - Nível Estratégico, Curso de Inteligência de Segurança Pública (Cisp), Curso de Operações de Choque, Estágio de Manejo de Artefatos Explosivos, entre outras ações e condecorações em sua vida militar.

O Batalhão Rural tem como novo comandante o tenente-coronel Fábio Francisco Costa, que ingressou nas fileiras da Polícia Militar de Goiás em 20 de setembro de 2005. Possui diversos cursos operacionais e de aperfeiçoamento, entre eles: Curso Operacional de Rotam, Curso de Piloto Policial de Helicóptero e Curso de Instrutor de Tiro.

Tenente-coronel Fábio Francisco Costa assume o firme compromisso de dar continuidade ao trabalho já em andamento, que tem sido uma fonte de paz e tranquilidade para a comunidade rural em Goiás.

A melhor alternativa para driblar os altos custos de produção para a safra 2023/24!

Conheça o remineralizador de solos **FMX Tratto** que é natural, nacional e fonte de potássio.

Rico em macro e micronutrientes minerais elementares e benéficos para as plantas, o **FMX Tratto** promove:

- Aumento do pH e da CTC do solo;
- Estímulo da atividade microbiana;
- Aumento da eficiência do uso de fertilizantes;
- Ajuda na ciclagem de nutrientes e na bioativação do solo, e muito mais.

Não acredita? Acesse nosso site e veja alguns depoimentos de quem já usou e comprovou a eficácia do FMX Tratto.

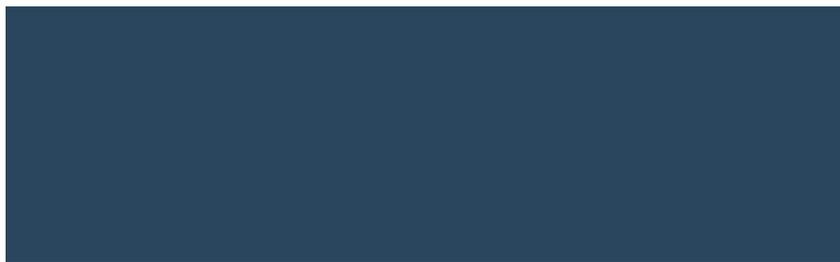
O primeiro remineralizador de solos,
100% brasileiro, registrado pelo MAPA



ACESSE NOSSO WHATSAPP

www.trattoagro.com.br @trattoagro tratto-agronegócios
Av. Sibipiruna Chácara, Alameda Santo Antônio,
Aparecida de Goiânia/GO. CEP.: 74926-800

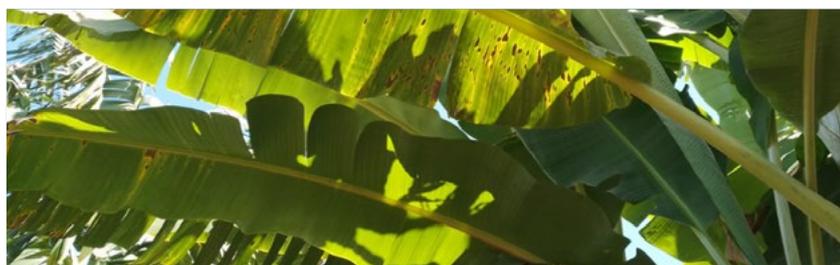
TRATTO
AGRO



Divulgação

Doença da bananeira

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br



Divulgação

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail revistacampo-goias@gmail.com. Participe!

A Rosita Silva, moradora de Goiânia, reclama que as bananeiras do quintal dela estão sendo afetadas por uma praga. As plantas apresentam manchas nas folhas que acabam deteriorando a planta e impedindo seu desenvolvimento.

Dúvida | É possível saber do que se trata? Como posso combater esse problema?

Resposta: As lesões observadas nas folhas da bananeira são sintomas característicos da doença denominada Sigatoka Amarela. Essa doença é largamente distribuída no Brasil, causada por um fungo e, por afetar as folhas, influencia negativamente o processo de fotossíntese da bananeira, diminuindo produção e qualidade de frutos.

A doença é altamente influenciada pelas condições climáticas e se manifesta de forma mais severa quando encontra situação de alta umidade relativa (umidade > de 80%) e baixas temperaturas.

Para o controle da Sigatoka é indicado: Procedimento de desfolha – retirada de folhas velhas e com lesões mais desenvolvidas; Nutrição – melhorar o manejo de fornecimento de nutrientes para as plantas, objetivando o desenvolvimento de plantas mais vigorosas que podem suportar mais às doenças, pois emitem folhas com maior frequência, o que compensa as perdas provocadas pela Sigatoka; Manejo do solo – cuidados para evitar encharcamento do solo, promovendo a drenagem do mesmo e diminuição da umidade relativa.

O Controle químico, com o uso de fungicidas recomendados para a cultura, deve sempre ter a orientação de um profissional habilitado, respeitando as doses estipuladas na bula do fabricante, o período de carência do produto e uso de equipamentos de proteção individual durante as pulverizações.

O controle biológico é uma ótima alternativa, com a utilização de microorganismos que atuam como inimigos naturais com capacidade de controlar a disseminação dos fungos maléficos e variedades resistentes.



Dúvida respondida pela supervisora de Fruticultura do Senar Goiás, Ana Paula Belo.

Mexerica com sementes germinadas

Um leitor da Campo, que mora em Goiânia, enviou mensagem para a revista dizendo que deixou uma mexerica bem madura em casa e quando descascou, encontrou sementes germinadas dentro dela. Ele pergunta se é normal isso acontecer e como deve ser feito o plantio nesse caso? Ele aproveita ainda para esclarecer se é mito ou verdade que deixar sementes de qualquer planta mergulhadas em água com vinagre, por quatro horas, acelera a germinação das mesmas? Caso seja verdade, como deve ser feito o cultivo?



Verdade!



Divulgação

A situação descrita é uma anomalia causada por um desbalanço na produção de ácido abscísico. Não tem um fator específico para explicar o que causa esse fato chamado de viviparidade, que é esse processo de germinação precoce da semente dentro do fruto maduro.

Você pode preparar uma muda ou plantar a semente diretamente na terra, use terra adubada (com esterco bovino ou de aves curtido). Coloque as sementes a dois dedos de profundidade, cubra com um pouco da terra e lembre-se de manter o solo úmido, mas não encharcado. Essa muda não terá produtividade como em um pomar comercial e pode demorar muitos anos para começar a produzir frutos, vale salientar que no caso de frutas cítricas deve-se comprar mudas registradas pois existem inúmeras pragas e doenças de difícil ou até impossível controle. Ao usar mudas ou sementes de origem desconhecida pode-se levar risco a toda uma produção agrícola.

Sobre a questão do vinagre é verdade. Mas a técnica não vale para todas as sementes. O vinagre pode ser usado de diversas formas e finalidades; em algumas sementes ele tem essa propriedade que ajuda a amolecer a parte mais dura. Vale a pena consultar um profissional no momento da compra da semente para saber sobre a efetividade do uso do produto. Caso queira usar a solução, o ideal é deixar a semente de molho em uma mistura com 60 ml de vinagre branco para 250 ml de água. No dia seguinte plante as sementes em saquinhos com terra bem adubada e com boa drenagem.



Orientação feita pela técnica de campo em Fruticultura do Senar Goiás, Heloísa Nascimento.

Divulgação



Soja

03 a 31/07/2023

Oleaginosa tem um mês de queda na CBOT

O mês de julho foi marcado por oscilações da soja na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT). No início do mês (03) foi estimado 35% da lavouras em condições regulares e 15% em condições ruins ou muito ruins. Tais fatores geraram volatilidade nos preços da oleaginosa quanto no mercado externo e interno.

Os preços no Brasil tiveram oscilações durante todo o mês, os preços chegaram a se valorizar entre uma semana e outra, mas apresentou volatilidade e cedeu pontos na maioria das vezes.

as estimativas feitas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) através do 10º levantamento de safra, estimou em produção recorde chegando a 154 milhões de toneladas, aumento de 23,1% frente ao ciclo anterior. O conflito entre Rússia e Ucrânia apesar de gerar uma influência maior a cereais como o milho e trigo, também afetou a oleaginosa, pois acontecimentos como o ataque aos armazéns ucranianos deixou os compradores receosos



De acordo com o boletim da Conab a produção da oleaginosa chegara a 154 milhões de toneladas aumento de 23,1 % frente ao ciclo anterior.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos de julho/23.



Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de julho de 2023.

| Descrição | Valor 03/07 | Valor 31/07 | Diferença |
|-----------------|-------------|-------------|-----------|
| Soja Disponível | R\$117,33 | R\$122,42 | R\$ 5,09 |
| Soja Balcão | R\$112,60 | R\$117,52 | R\$ 4,92 |
| Soja Futuro | R\$106,55 | R\$111,23 | R\$ 4,68 |



Milho

03 a 31/07/2023

Conflitos externos e produção recorde influenciaram o preço do cereal brasileiro

O mercado seguiu oscilando durante o mês de julho na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT) e na Bolsa Brasileira (B3), o conflito entre Rússia X Ucrânia, fez com que o mercado apresentasse oscilações, gerando influência direta sobre o preço do cereal.

Na B3 os preços caminharam em campo negativo. O mercado aguarda novos fundamentos para gerar alta nos preços. Vale destacar o cenário brasileiro, onde o avanço da colheita influencia diretamente nas cotações. As estimativas feitas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) através do 10º levantamento de safra, estimou produção recorde, chegando a 98 milhões de toneladas, aumento de 14,1% comparado à safra anterior. Em razão disso, o cereal apresentou queda no mercado brasileiro. A capacidade de armazenamento, que atualmente já não comporta os grãos brasileiros, também influencia diretamente no preço.



O panorama divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), através do 10º levantamento de safra, estimou produção recorde chegando a casa dos 98 milhões de toneladas, aumento de 14,1% comparado à safra anterior.

Gráfico 1 - Evolução dos preços dos contratos de Julho/23.



Tabela 1 - Variação do preço do milho em Goiás no mês de julho de 2023.

| DESCRIÇÃO | VALOR 03/07 | VALOR 30/07 | DIFERENÇA |
|-----------------|-------------|-------------|-----------|
| Média do Estado | R\$ 37,67 | R\$ 38,48 | R\$ 0,81 |
| Milho Futuro | R\$ 36,43 | R\$ 40,08 | R\$ 3,65 |
| Rio Verde | R\$ 35,00 | R\$ 38,00 | R\$ 3,00 |

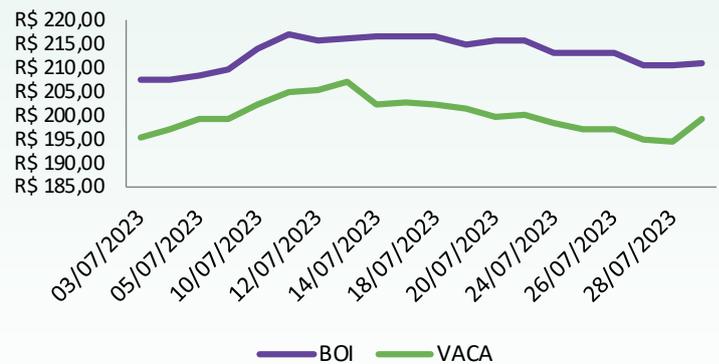


Preço da arroba no mês de Julho/23 apresenta valorização em Goiás

O mês de julho/23, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), contando 21 dias úteis até a 5ª semana, exportou de carne bovina 160,79 mil toneladas, com uma média diária de 7,65 mil toneladas, número representa declínio de (-3,8%) nos embarques. O preço pago por tonelada também apresentou variação negativa de (-27,6%). No mercado nacional, analisando o indicador boi gordo CEPEA/B3, a média das cotações no mês de julho/23 foi de R\$250,81 por arroba, com variação mensal de (-5,87%). O mercado do boi gordo teve queda nos preços devido à baixa demanda e estoques elevados nas indústrias. No mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações da arroba do boi gordo foi de R\$213,15 com variação positiva de 1,75% no comparativo mensal. Para vaca gorda a média das cotações foi de R\$200,01 com variação de 2,15% no comparativo mensal. O mercado regional teve avanço nos preços devido à uma menor oferta dos animais aos frigoríficos, na tentativa de melhorar os preços pagos ao produtor.

Escalas curtas em algumas regiões, a baixa oferta fez com que ocorresse o aumento nos preços. Escala essa que apresentou média de 8 dias durante o mês de julho. No mercado de reposição o que foi observado foram quedas nos preços e uma maior procura por garrotes (13 a 24 meses).

Preço médio Boi Gordo e Vaca Gorda à vista em Goiás R\$/@



Fonte: IFAG



Cotações de aves apresentam estabilidade e suínos começaram demonstrar queda no mês de julho

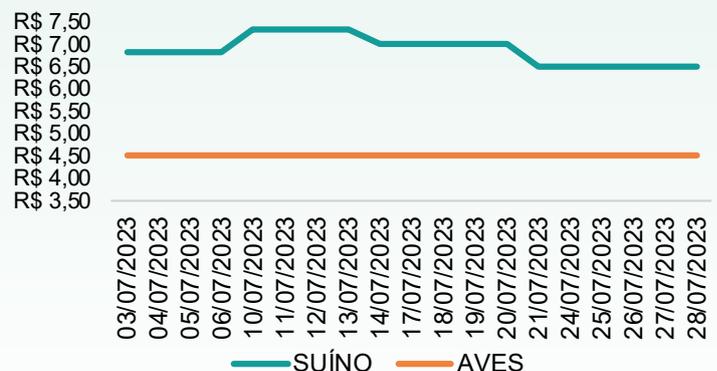
As exportações no mês de julho/23, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), para carne de aves, contando 21 dias úteis até a 5ª semana do mês, foi de 404,6 mil toneladas. Com média diária exportada de 19,26 mil toneladas, número que representa elevação de 7,5% nas exportações. O preço pago por tonelada apresentou queda de (-12,5%) no comparativo com o mesmo período do ano anterior. Para carne suína foram exportadas 94,1 mil toneladas, com média diária de 4,48 mil toneladas, número que representa elevação 7,2% nas exportações.

O preço pago por tonelada apresentou aumento de 4,1%. Para o mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações para o frango vivo no último mês de julho/23, foi de R\$4,50/kg sem variação no comparativo mensal. A carne suína apresentou média de R\$6,86/kg em Goiás, com variação negativa de (-4,41%) no comparativo mensal, porém, apesar de julho ter fechado em queda, o mês apre-

sentou volatilidade e picos em alta.

As desvalorizações estavam atreladas às elevadas ofertas de suínos em peso ideal para abate. O mercado de Frango vivo segue com oferta ajustada à demanda. Produtores e indústrias estão tentando equilibrar a produção com a demanda para evitar prejuízos e garantir a venda dos produtos avícolas.

Preço Médio Suíno e Frango Vivo em Goiás R\$/kg



Fonte: IFAG



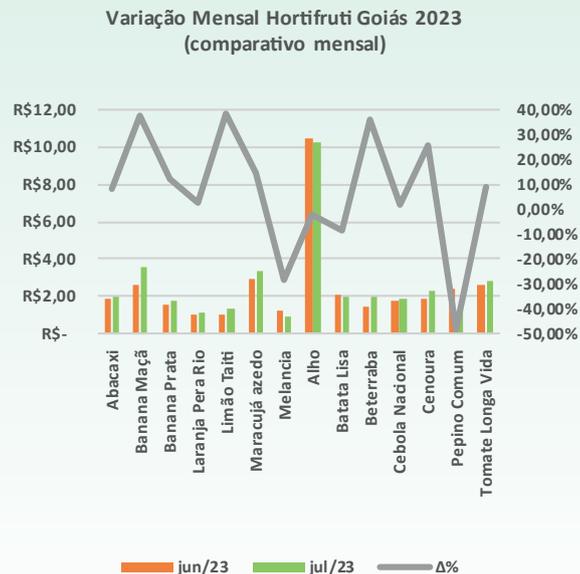
Hortifrúti seguem apresentando quedas nas cotações do mês de junho

Os preços do hortifrúti voltaram a apresentar valorização em sua maioria, com referência até o dia 31 de julho. Produtos como Abacaxi, Bananas, Laranja Pera Rio, Limão Taiti e Maracujá azedo apresentaram alta. O maior avanço foi do Limão Taiti com (38,46%) referente ao mês anterior.

Para a melancia, o mês não foi favorável e a fruta acabou registrando desvalorização das cotações devido a alta oferta. No comparativo com o mês de junho a fruta obteve declínio de (-28,21%), valor bastante diferente e distante dos demais produtos, assim, como foi mostrado no gráfico. Com relação ao mercado das hortaliças, a cenoura, diferente do que foi apresentado no Infosenar de junho, foi a 2ª hortaliça que mais apresentou queda no mês de julho.

As cotações caíram expressivamente nas principais regiões produtoras. A fruta apresentou queda de (-25,81%) em Goiás. O avanço no mercado apresentado no primeiro parágrafo, é consequência da queda na oferta e aumento da demanda e mudanças climáticas na região Centro-Oeste, como a seca e a instabilidade na temperatura. No comparativo com o mês de junho, a banana maçã teve variação positiva de 37,64% e o maracujá azedo 14,63% com o kg da fruta a R\$3,34/kg.

Gráfico - Comparativo da Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás



Fonte: Associação de produtores - Ceasa-GO; Elaboração: IFAG



Ciclones seguem atingindo extremo Sul brasileiro

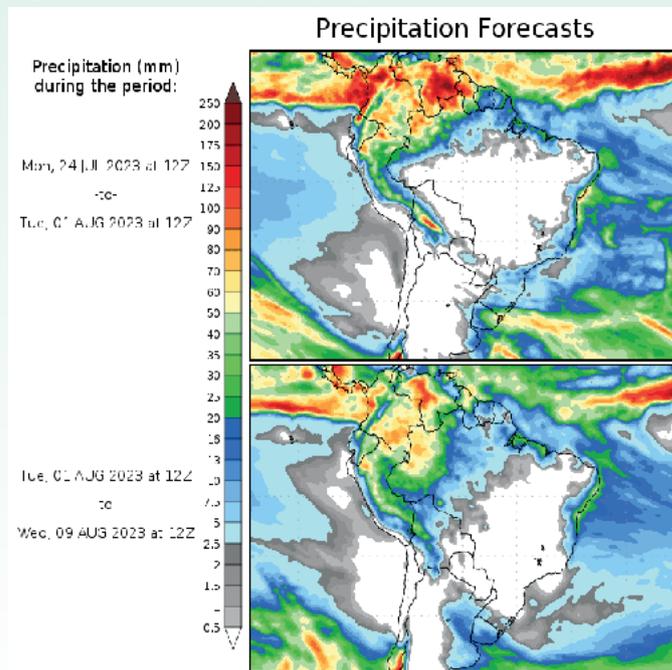
O mês de julho ficou marcado por altas instabilidades e também pelos ciclones que afetaram praticamente todas as regiões do extremo Sul brasileiro.

Essas condições climáticas são influenciadas por uma massa de ar frio que vem do Oceano Atlântico associada a um centro de alta pressão. Um ciclone atingiu a região sul, porém foi com menor intensidade do que os dois últimos que causaram estragos significativos.

Recentemente o Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia) publicou uma previsão que apresenta que os maiores acumulados de chuva estão previstos para as regiões Sul e Noroeste do país, bem como a costa leste também.

Além disso, vale salientar que as temperaturas se demonstraram de formas extremas no mês de julho, com máximas de até 35°C e mínimas chegando a 15°C, isso vem acontecendo muitas vezes em um mesmo local. Outra previsão importante são os alertas feitos pelo Inmet quanto a umidade baixa do ar e os riscos de queimadas, principalmente no Mato Grosso.

Figura - Previsões de precipitação



(Fonte: NOAA)

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás



Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO
Tel.: 62 3412-2700
www.senargo.org.br



Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Tel.: 62 3241-5252
www.ifag.org.br

Doces lembranças de família

Receita elaborada pela Sr. Rubéns Antônio Lopes, participante do 2º Festival de Receitas do Campo – Goianésia

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

A abóbora cabotiá, cabotiã ou japonesa é bastante versátil e combina com muitos gostos e sabores: salgado, doce, especiarias, carne e queijo. Vai bem numa refeição quente como sopa, na versão assada ou refogada. Uma opção para utilizar essa abóbora na elaboração de uma quitanda deliciosa veio durante a 2ª edição Festival de Receitas do Campo de Goianésia.

O Sr. Rubéns Antônio Lopes apresentou a receita, que traz uma história interessante, entre mãe e filho que foram ainda mais unidos pela culinária. “Minha mãe, ao adoecer, sempre pedia para eu fazer a massa e sovar para ela, pois ela estava impossibilitada sem forças físicas, mas queria continuar a fazer para ale-

grar a família. Então, ela me falava os ingredientes e eu concluía a receita, com isso aprendi a receita e hoje como ela não está mais aqui entre nós, eu faço com o mesmo carinho e dedicação, mantendo a tradicional receita na nossa família”, conta.

É a oportunidade de reunir a família em torno da mesa, depois de uma fornada de rosca. “Uma receita muito tradicional em nossa família desde a época que morávamos na roça. Minha mãe sempre fazia essa rosca para o café da manhã e lanche da tarde. Todos ficavam à espera da primeira formada e muitos nem esperavam passar o melado e já comiam quente mesmo”, conclui.

Rosca de Abóbora

Ingredientes

- 04 ovos
- 02 ½ xícaras (chá) de leite
- 01 ½ xícara (chá) de óleo
- 01 ½ xícara de açúcar
- 01 ½ pitada de sal
- 500 g de abóbora
- 02 colheres (sopa) de fermento biológico
- 01 ½ kg de farinha de trigo
- 01 coco ralado

Modo de Preparo

Cozinhe a abóbora e bata no liquidificador bem batido. Coloque em uma vasilha: o leite, o óleo, o sal, a abóbora e o fermento. Mexa bem e deixa descansar por 15 minutos. Assim que estiver derretido o fermento e já crescido, acrescente mais farinha de trigo sovando bem a massa. Se preciso for, acrescente mais farinha, o ponto da massa é onde você consegue, com a mão untada, enrolar as roscas. Não pode ser dura. Enrole as roscas da maneira que desejar, coloque em formas untadas com óleo, deixe descansar por mais ou menos 40 minutos. Asse em forno médio. Depois da rosca assada, passe melado e jogue coco por cima.





Confrei – Um cola osso natural

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Nome científico: *Symphytum officinale L.*

Confrei é uma planta medicinal, também conhecida como consólida, confrei russo, leite vegetal e língua de vaca, muito utilizada no tratamento de doenças dermatológicas, acelerando a cicatrização. A planta arbustiva é originária da Europa e Ásia, mas hoje é comum em todas as partes do mundo. Podendo alcançar até um metro de altura, possui folhas grandes e cobertas por pelos e pequenas flores. Essas possuem coloração que pode variar entre amarelo, creme e rosa. Fácil de ser encontrada em casas especializadas, em lojas de produtos naturais e em farmácias de manipulação, é usada externamente, como adstringente, cicatrizante, emoliente, anti-inflamatório tópico, antieczematoso e antipsoriático.

O confrei apenas está indicado para uso externo e deve se utilizar folhas mais velhas, devido à sua composição em alantoína, fitosteróis, alcalóides, taninos, ácidos orgânicos, saponinas, mucilagens,

asparagina, resinas e óleos essenciais. Usa-se suas folhas externamente como cicatrizante, anti-inflamatória, tem ação antisséptica, bactericidas e fungicida, em casos de tendinite, irritações da pele, úlceras varicosas, fraturas ósseas, hematomas, equimoses, acne e contusões. Seu nome científico é derivado da palavra grega "Symphyo" que significa "unir", pelo seu poder terapêutico para colar osso e seu poder cicatrizante. Na Idade Média, e ainda hoje, é popularmente usado nos casos de fraturas, aumentando a velocidade de recuperação óssea. Tem potencial ação na regeneração do tecido ósseo e da pele.

Para isso a indicação é do uso em forma de cataplasma, banhos locais, tintura e pomada. Para extrair a alantoína, a melhor forma é a maceração das folhas em água fria, ou em forma de chá, para banhos ou compressas.

Compressas de confrei:

Ingredientes

50 a 100 g de folhas de confrei
1 litro de água

Modo de Preparo

Ferver a água. Adicionar as folhas secas de confrei e abafar por 10 minutos. Depois coar e colocar a mistura em temperatura morna em uma compressa. Aplicar sobre a região afetada, com irritações de pele, couro cabeludo, contra escoriações e ferimentos. Usa-se também as raízes frescas e raladas na forma de cataplasma no local de quebras de ossos, furúnculos, espinhas inflamadas e pele muito irritada. Como poderá também usar compressas das folhas amassadas ou piladas.

Tempo de uso

Externamente, poderá ser utilizado o tempo que se fizer necessário. Poderá também ser intercalado com o uso de banhos ou compressas de tanchagem, a planta toda.

Preparo de tintura ou extrato de confrei:

Lavar bem e esterilizar um vidro de 300 ml. Colocar no neste vidro 60g de folhas ou raízes, limpas e picadas. Completar com álcool de cereais ou álcool 70 ou 92. Curtir a tintura por 15 dias, coar, colocar em vidro âmbar. Depois é necessário colocar a tintura em frasco spray para borrifar na garganta contra amigdalite ou borrifar na pele no caso de picada de insetos ou ferimentos.



CONTRAINDICAÇÃO: O confrei está contraindicado para pessoas que apresentam hipersensibilidade a esta planta, na gravidez ou para mulheres em fase de lactação. Também deve ser evitada em pessoas com doenças hepáticas e renais, câncer e em crianças.

ATENÇÃO: Riscos toxicológicos. Não deve ser usada internamente, pois possui propriedades hepatotóxicas, além disso há estudos que demonstram a presença de alcalóides cancerígenos. Alguns dos efeitos colaterais que podem ocorrer com o uso do confrei incluem irritações gástricas, lesões no fígado ou aborto, caso seja ingerido.

Chegou a hora de mostrar o seu talento, está lançado o

PRÊMIO FAEG SENAR DE JORNALISMO 2023

Tema principal: “o Campo está
em tudo: o papel da produção
na evolução da sociedade”

Você pode se inscrever nas categorias de:

Jornalismo escrito
Telejornalismo
Radiojornalismo

Categoria especial: **Fotojornalismo.**

NOVIDADE

**E tem a chance de
concorrer a mais
de R\$100.000,00
em prêmios.**

**O prêmio máster
é um carro Okm!**

**Não perca
tempo e se
inscreva
agora!**



*Imagem ilustrativa

*Veículo zero km avaliado em R\$99.000,00 mais R\$16.000,00 em dinheiro. Sujeito a alteração. (24/01/23)



**FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL**



Mulheres em Campo

Conexão e protagonismo

29
AGOSTO
NA FAEG

Mariely Biff

Consultora e palestrante em Sucessão e Governança Familiar atendendo produtores rurais e empresas do Agronegócio há mais de 12 anos. Autora do livro "Caminhos da Sucessão" e coautora do livro "Mulheres do Agro".



Não perca tempo e se inscreva agora!



Realização: _____



Apoio:

